

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2.0271, 2.0272 e 2.0273
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

O prof. Marcelo Caetano expõe os seus pontos de vista

sobre as novas concepções administrativas

em que os técnicos tomam o lugar dos políticos

O professor Marcelo Caetano é, pelos seus títulos e créditos, uma das mais classificadas figuras do regime. A sua carreira de estudante não tardou a abrir-lhe o acesso à cátedra, onde prontamente conquistou posição de elevado prestígio. A sua carreira de homem de ideias está na origem da linha que o conduziu aos mais altos postos da administração pública e da hierarquia oficial, até atingir as cadeiras ministeriais e a presidência da

Camara Corporativa. O seu depoimento, no actual momento político, aparecia assim, naturalmente indicado como um de mais aguda actualidade.

—Gostávamos de conhecer as suas impressões acerca do modo como tem decorrido a campanha eleitoral...

—Receio não saber dar-lhas... Sou um professor que as circunstâncias têm chamado de vez em quando à acção política, mas não consigo nunca separar-me da minha formação e dos meus hábitos mentais. Todos os meus antigos alunos sabem que sempre procurei despertar neles o espírito crítico como processo de chegar à verdade. Mas uma coisa é essa critica conduzida de boa fé por quem procura criar, construir, melhorar, outra a poeirada das paixões, dos ressentimentos, dos despeitos que se levanta nestas lições políticas...

—Julga então inutil o debate eleitoral?

—Não. O Governo tem mostrado de há tempos para cá, em certos sectores, perigosa tendência para o imobilismo. Estas sacudidelas são uteis na medida em que obriguem a rever posições, a rectificar métodos, a renovar a acção. Mas só na medida em que indirectamente contribuam para dar novo vigor à administração pública. Temos tanto que fazer, há hoje no governo

(Continua na 3.ª página)

O homem e a mulher na vida rural portuguesa

por Vasco da Gama Fernandes

Em dois artigos que hoje começamos a publicar, o sr. dr. Vasco da Gama Fernandes, candidato a deputado na lista oposicionista de Lisboa, expõe alguns pontos de vista seus sobre problemas da vida rural vistos no quadro geral da política portuguesa. (N. da R.)

Candidato a deputado por Lisboa, na lista que se propõe combater a do Partido Único, não esqueço que vivo há cerca de dezasseis anos na província, em pleno coração de Portugal, neste inigualável distrito de Leiria, rico de promessas e relicário das mais sagradas recordações da nossa História.

Tenho, portanto, deveres contraídos para com

os meus vizinhos e amigos desta região e, sobretudo, para com os pobres trabalhadores do campo, coleante legião de deserdados, que defendendo nos tribunais, a que dou o meu conselho valioso, cujas desditas conheço e deploro e cuja simplicidade e bondade tanto me cativam.

Aliás, um deputado não pode ser o representante de uma região. É o mandatário de um povo e, se me ligam fraternos laços à população de Lisboa que vai discutir o meu nome, não sou indiferente à compreensão e às dores de todos os trabalhadores portugueses, particularmente os da parcela do país que me é agora familiar.

Eis, pois, as razões do que se vai ler.

A nossa gente não é só a que circula apressadamente pelas ruas das grandes cidades onde, a par de muito trabalho e cansaças, se estadeia muita inutilidade e inércias sem conto. A vida pôs-me em contacto com os vícios e grandezas das cidades e nos últimos anos, com as realidades, por vezes bem cruéis, da vida da nossa gente dos campos. Estou, portanto, em condições de depôr nesse largo inquérito sobre o panorama espiritual e material do Português que labuta, de sol a sol, na pobre e enfraquecida terra portuguesa, arrancando dela, com extremos de excepcional tenacidade, o seu magro pão e o pão graúdo dos seus senhores.

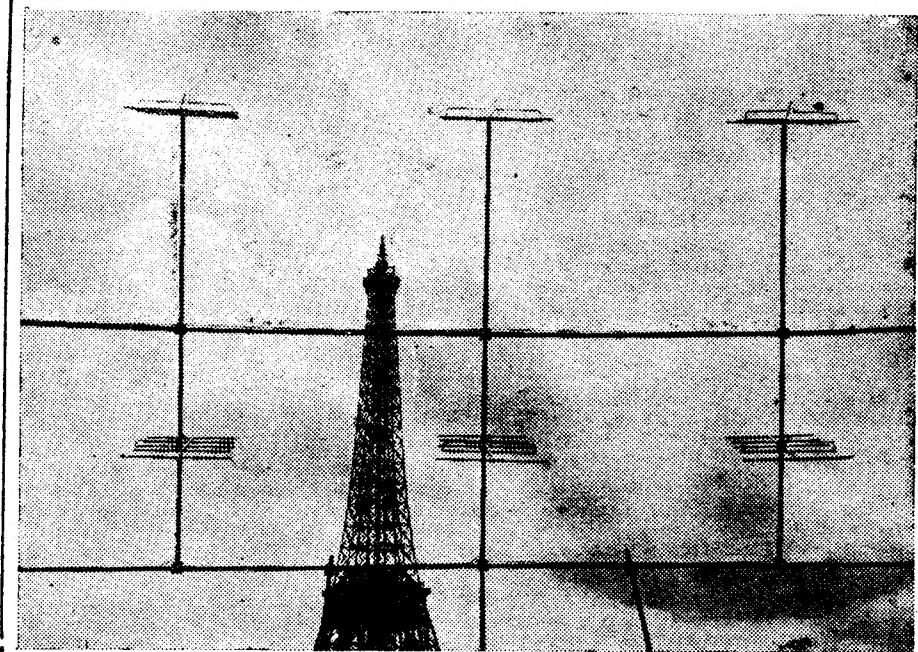
Nesta região centrada do País, os problemas

(Continua na 11.ª página)

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

(Continua na 14.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.



Constituiu um acontecimento bem representativo do progresso da técnica dos nossos dias o Salão da Televisão e da Rádio no Museu das Obras Publicas, em Paris. No telhado do museu, as antenas dos postos de recepção, para demonstrações durante o salão, davam um enquadramento original à Torre Eiffel, símbolo do progresso doutra época e actual centro de emissão da televisão francesa

Eisenhower esclareceu que foi posta de parte a ideia de uma próxima reunião entre os chefes ocidentais e soviéticos

WASHINGTON, 29 — O presidente Eisenhower esclareceu que fora posta de parte a ideia de uma reunião en-

tre os chefes soviéticos e ocidentais.

Na sua conferência semanal da Imprensa, o presidente revelou, pela primeira vez, que tem estado em correspondência constante com sir Winston Churchill sobre a possibilidade de se encontrar com ele. Fez-se eco das esperanças de sir Winston Churchill, manifestadas na Camara dos Comuns, na terça-feira, de que os dois chefes tivessem uma oportunidade de conversações informativas.

Essa reunião entre os dois dirigentes seria considerada preliminar essencial de uma reunião dos Quatro Grandes, incluindo o primeiro-ministro soviético. Todavia, Eisenhower salientou não haver actualmente qualquer plano nem estar, até, a ser estudado para uma reunião entre ele próprio e sir Winston Churchill. Disse que era inutil celebrar uma reunião dos Quatro Grandes, antes de as potências ocidentais saberem que havia intenção honesta da parte soviética.

As declarações do Presidente têm de ser consideradas em relação com as notícias de conversações particulares entre sir Winston Churchill e o secre-

(Continua na ultima página)

A U. R. R. S. aceitará o convite para uma reunião dos Quatro Grandes?

MOSCOVO, 29.—Os circulos bem informados supõem que o Governo soviético responderá, em fins desta semana, à nota das três potências ocidentais convidando a U. R. S. S. a tomar parte, em 9 de Novembro, numa reunião dos Quatro Grandes. Contrariamente às primeiras previsões, os mesmos circulos creem que a U. R. S. S. aceitará tomar parte nessa conferência a fim de provar, mais uma vez, que é seu desejo solucionar pacificamente todas as questões em litigio, no plano internacional.—(F. P.)

A evolução da política espanhola depois dos acordos com os Estados Unidos

MADRID, 29 — O I Congresso Internacional da Falange Espanhola, que tinha começado os seus trabalhos há quatro dias, em Madrid, na presença de 800 delegados que representam 1 milhão de filiados, terminou na noite passada depois de serem votadas 23 resoluções constituindo as bases da futura acção política do Movimento. Estas resoluções, em grande parte, têm em linha de conta a recente evolução da política externa da Espanha, nomeadamente depois da conclusão dos acordos hispano-americanos, e constituem no plano interno um aviso bem claro a certos sectores da direita que não se coíbem de criticar a Falange.

Este aviso foi dado pelo ministro da Falange, Fernandez Cuesta, secretário do Movimento, que, aludindo sem as nomear, a «certas personalidades que ocupam no regime posições vantajosas», as acusa de pretenderem «semeiar o pânico nos espiritos e romper a unidade do actual regime», às quais chamou «traidores e covardes, que querem passar por mártires, só porque foram ligeiramente atingidos por sanções, sem qualquer gravidade».

Segundo vários observadores, parece que estas alusões pretendem atingir os

(Continua na ultima página)

O Ministério da Economia responde às críticas do eng. Cunha Leal

acerca dos empreendimentos hidroelétricos

Do gabinete do ministro da Economia, recebemos, com pedido de publicação, a seguinte nota:

«Na sessão de propaganda do Liceu Camões, promovida pelo movimento da Oposição, foram feitas pelo sr. eng. Cunha Leal as seguintes afirmações, segundo o relato constante dos jornais:

- 1.º—O Plano de Fomento contém erros de concepção e, entre eles, o de não ter seguido o rumo mais acertado no tocante ao escalonamento no tempo e no espaço dos novos aproveitamentos hidroelétricos e à sua conjugação com a produção de energia por meios térmicos;
- 2.º—O Estado forçou a instalação prematura de certas industrias, que, por falta de

disponibilidades de energia eléctrica, são compelidas a paragens indesejáveis, com o consequente encarecimento dos seus actuais custos de produção.

Embora se não desconheça que tais afirmações obedecem a puros propósitos de propaganda política e não traduzem, portanto, conclusões resultantes de um estudo sério e objectivo dos problemas, responder-se-á:

1.º—O esquema de empreendimentos hidroelétricos, constante do Plano de Fomento, assentou nos indispensáveis estudos técnicos e teve em vista satisfazer as efectivas necessidades do País, de harmonia com o natural desenvol-

(Continua na 14.ª página)

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

GATUNO ESPIRITUOSO...—Há tempos, o sr. Eduardo Veríssimo, hospedado numa pensão da Rua Castilho, foi vítima do furto dum relógio de ouro e de algum dinheiro, no quarto onde se encontrava hospedado. Há dias, recebeu uma carta do autor do furto, que começava por se declarar perito em furtos praticados nas pensões e lamentava não lhe poder enviar a cautela de penhor do relógio, pois havia tomado a precaução de o vender. No entanto, dava-lhe de conselho que, para a próxima vez, deveria trazer consigo mais dinheiro, pois, como ele verificou, o serviço foi limpinho. A carta foi entregue na Polícia Judiciária, sendo encarregado o agente Chasqueira de descobrir o autor do furto... e da graça.

ELE TAMBÉM «FOI»...—O sr. José Maria Costa Santos, operário do Arsenal do Alfeite, apresentou queixa na Polícia Judiciária contra o tesoureiro do Grupo Excursionista «Nós Também Vamos», por este se recusar a prestar contas da sua gerência no valor de 3.000\$00.

CONFERÊNCIAS

O sr. dr. António Casa Nova vai falar, no Instituto dos Actuários Portugueses sobre «Introdução ao estudo dos fenómenos estocásticos». A sessão está marcada para hoje, às 21 e 30, na sede do Instituto, Rua Rodrigo da Fonseca, 76, 2.º, direito.

ASSEMBLEIAS GERAIS

No próximo dia 1, no edifício da Escola Comercial de Ferreira Borges, às 9 horas, reunem-se a assembleia geral extraordinária do Núcleo de Antigos Alunos daquela escola.

REGIONALISMO

A Casa dos Açores promove, na sua sede, depois de amanhã, um serão dedicado aos estudantes açorianos residentes em Lisboa.

COOPERATIVA MILITAR

Nos dias 1 e 15 do próximo mês de Novembro, das 16 às 20 horas, realizam-se «matinées» dançantes na Cooperativa Militar, com o concurso das orquestras Guarany e Carioca, respectivamente.

MOVIMENTO MARÍTIMO

Partiu para o Brasil o «Vera Cruz»

O paquete «Vera Cruz» partiu hoje para o Rio de Janeiro. Entre os passageiros conta-se o sr. dr. Francisco Vieira Machado, antigo ministro das Colónias, que ali vai tratar de diversos assuntos referentes ao Banco Nacional Ultramarino, do qual é administrador. A apresentação-lhe cumprimentos de despedida, estiveram, entre outras individualidades, os srs. ministro da Marinha, profs. drs. Caeiro da Mata e Fernando Emídio da Silva; comandantes Henrique Tenreiro e Albano de Oliveira, eng.º Sá Carneiro, Bernardino Correia, etc.

No mesmo navio, que segue com 1.280 passageiros, partiram também os srs. comendador Albino de Sousa Cruz e general Maurício Cardoso, do Exército brasileiro.

Paquete «Auriga»

Depois de amanhã, o capitão Luigi Maresca dá uma recepção, a bordo do paquete «Auriga» que volta ao nosso porto, depois de ser completamente remodelado. O barco estará patente aos convidados na Estação Marítima da Rocha do Conde de Obidos.

Dois homens soterrados na abertura dum poço

COVILHA, 29—(Pelo telefone).—Na Rua Capitão João de Almeida, quando, com outros trabalhadores procediam à abertura de um poço, ficaram soterrados até meio corpo, por ter caído parte do terreno, os operários Joaquim Nunes Catarino, de 36 anos, natural de Peroviscu, Fundão, e Manuel Ribeiro, de 38 anos, de Verdilhos, ambos casados. Os bombeiros conseguiram retirá-los da difícil situação, e conduziram-nos ao hospital num «jeep» por não terem ainda ambulância. Ficaram ambos internados por terem sofrido lesões internas e vários ferimentos.

DE LUTO

D. Augusta Sampaio de Castro Ferreira

Para o cemitério do Alto de S. João realizou-se hoje o funeral da sr.ª D. Augusta Sampaio de Castro Ferreira, cujo falecimento ontem noticiámos. Viúva do almirante Castro Ferreira, que foi, no seu tempo, uma das mais respeitáveis figuras da Armada, a extinta era dotada de raras qualidades de bondade e de inteligência, sendo uma desvelada educadora. No Instituto de Oncologia, donde saiu o funeral, e no cemitério, onde o corpo ficou sepultado em jazigo de família, reuniram-se algumas centenas de pessoas, que testemunharam à ilustre família enlutada o seu respeitoso pesar.

Mário Mesquita

Na sua residência, Rua da Esperança, 69, 3.º, esq., faleceu hoje o sr. Mário Mesquita, de 64 anos, natural de Dois Portos (Torres Vedras), director da companhia de seguros Tagus. Deixa viúva a sr.ª D. Maria do Carmo Lopes Mesquita e era irmão da sr.ª D. Maria Adelaide de Carvalho Mesquita Ribeiro e do sr. José de Carvalho Mesquita. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, às 11 horas, saindo da referida morada para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

FESTEJOS REGIONAIS

ARRENTELA, 28—Para manter a tradição, que vem desde 1755, realizam-se, nesta localidade, desde hoje, até ao próximo dia 1, as festas em honra de Nossa Senhora da Soledade.

Pastelaria S. João, L.ª

Salão de Chá, Café e Bilhares, Restaurante
Serviço à Carta
Avenida Paris, 3-A—Telef. 78400

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TARDE DE DOMINGO, 1 DE NOVEMBRO, ÀS 16 HORAS

INAUGURAÇÃO DOS DOMINGOS SINFÓNICOS

Orquestra Filarmónica de Lisboa
18.ª TEMPORADA

DIRECÇÃO: DR. IVO CRUZ

SOLISTA: SANTOS PINTO (Oboé)

A GRANDE PASCOA RUSSA ... RIMSKY-KORSAKOFF
SINFONIA INCOMPLETA ... SCHUBERT
CONCERTO PARA OBOÉ ... MOZART
DOLOROSAS ... OSCAR DA SILVA
PRELÚDIO (dó sustenido menor) ... RACHMANINOFF

TRAJE DE PASSEIO

Preços — Cadeiras: 20\$00 / Frisas: 80\$00 e 70\$00 / Camarotes de 1.ª: 90\$00 e 80\$00 / Cam. de 2.ª: 70\$00 e 60\$00 / Cam. de 3.ª: 60\$00 e 50\$00
Torrinhas: 50\$00 e 40\$00 / Balcão de 3.ª: 15\$00 e 10\$00 / Balcão de 4.ª: 12\$50 e 7\$50 / Varandas: 10\$00 e 5\$00.

A bilheteira abre amanhã às 13 horas

Autorizado para dos 6 anos em diante

Tribunais

Na Boa Hora

No 3.º Juízo Correccional do Tribunal da Boa Hora, sob a presidência do juiz sr. dr. Pinto Coelho, prosseguiu esta manhã e continuou à tarde o julgamento dos cinco encobridores do furto de livros praticado na Biblioteca Nacional.

Recomeçados os trabalhos, foi chamado a depor o ex-capitão José António, que, em 1951, juntamente com o ex-tenente Fialho, foi condenado em pena maior e degredo, por se encontrar implicado no mesmo caso.

O juiz perguntou-lhe qual fora a pena aplicada, ao que o declarante respondeu:

—Cinco anos e seis meses de prisão maior celular.

Mas como o ex-capitão José António estivesse em audiência sem ser sob custódia, o sr. dr. Pinto Coelho perguntou-lhe se beneficiaria de alguns perdões, ao que o mesmo respondeu que se encontrava em liberdade condicional e que trabalhava num escritório que possui na Rua da Madalena.

Relatou, em seguida, ao tribunal como conhecera o Ataíde e Melo, por indicação do ex-tenente Fialho, dizendo que era este que lhe entregava os livros para vender, e contou que fora propôr a transacção à Biblioteca Nacional, donde os livros haviam afinal sido roubados, como mais tarde veio a saber.

Fez uma larga descrição da maneira como obtinha os livros, como os vendia e como repartia as comissões, e explicou que mais tarde o Ataíde e Melo o aconselhara a ir transaccionar as obras no estabelecimento do Romana e noutras casas da especialidade.

Afirmou ainda que andou sempre no negócio dos livros com inteira boa-fé e no completo desconhecimento da sua proveniência fraudulenta.

O juiz, durante largo tempo, interrogou o declarante com variadas perguntas, cujas respostas foram por vezes hesitantes.

O depoimento foi depois reduzido a escrito, interrompendo-se a sessão, para continuar cerca das 15 horas, com o depoimento do chefe Claro, da Polícia Judiciária, que organizou o processo.

APENAS
3.210\$60

ROMA

PAA

PAN AMERICAN

A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA

Dirija-se ao seu Agente de Viagens
ou a Pan American World Airways
Praça dos Restauradores, 46-Lisboa

LISBOA EM CAMISA

Leia os engraçados «Caso da Cidade» do jornal humorístico «SEMPRE FIXE», que só ele conta. É de morrer a rir!

Dr. José Oliveira Pinto
Retomou a clínica

UM HÁLITO FRESCO DURANTE TODO O DIA!

GRAÇAS AO DENTÍFRICO

Gibbs

COM

Clorofila activa



Para estar absolutamente seguro de si... Confie no seu hálito. Não estrague tudo por causa dum simples detalhe, quando a solução está em purificar o seu hálito. Para isso basta usar regularmente o dentífrico Gibbs com clorofila activa.

Cuidado! Há Clorofila e clorofila, mas só a clorofila verde activa de Gibbs desodoriza a sua boca durante todo o dia. O seu hálito fica fresco desde manhã até à noite.

Proteja as gengivas dos seus filhos. Uma experiência efectuada recentemente provou que o dentífrico com clorofila activa melhora o estado das gengivas das crianças 2 vezes mais depressa do

que um dentífrico vulgar. Usando Gibbs com clorofila fortificará as suas gengivas e assegurará aos seus dentes uma protecção completa.

E tem um sabor esplendido! Original e delicioso, não se parece com nenhum outro. Todos os que o experimentaram ficaram entusiasmados.



Declarações do prof. Marcelo Caetano

sobre o actual momento político

(Continuação da 1.ª página)

dos povos tantos problemas fundamentais para resolver, que não se pode afrouxar sem perigo o ritmo de trabalho.

—E terá a discussão essa virtude, digamos... de remoção?

—Não lhe posso dizer. Só afirmarei que desejava que a tivesse.

—Uma evolução do regime?

—Não sei o que quer dizer com isso. Devo mesmo declarar-lhe que considero absolutamente despropositada e reprovável a prática de em campanhas eleitorais se atacar o regime vigente. Temos uma Constituição, temos um

regime—o Estado Novo. Quando se trata de escolher por meio de sufrágio as pessoas que não-de desempenhar funções nos órgãos constitucionais não é admissível que se ataquem as instituições. O sufrágio é colaboração. Muita gente para aí aproveita a campanha eleitoral para pregar a subversão.

—Que entende V. Ex.ª pelo regime do Estado Novo?

—Entendo uma fórmula de governo que assegura ao chamado Poder Executivo a estabilidade; a homogeneidade e a autoridade necessárias para levar a cabo as tarefas indispensáveis à realização dos interesses materiais e morais do povo português. Um governo forte e estável que governe para bem da colectividade e profundamente inspirado no interesse dela.

—Não seria conveniente para esse efeito a existência de uma oposição organizada?

—Não sei porquê. Toda a lição da política contemporânea é no sentido de mostrar que o sistema dos partidos conduz, fatalmente, ao domínio de oligarquias, isto é, dos grupos que os dirigem e que sobrepõem os seus interesses ao interesse nacional. Por outro lado, o Estado tende cada vez mais a deixar de ser um tablado de lutas políticas para passar a ser a empresa de realização das grandes tarefas colectivas. Tem de haver uma política, sem dúvida, mas que oriente uma administração eminentemente técnica. Os homens que têm de ocupar as posições-chave no Estado não-de ser procurados, não nos directórios dos partidos, não entre os faladores fáceis e os críticos baratos, mas entre os técnicos e os administradores. O tempo do parlamentarismo passou.

—V. Ex.ª está, portanto, satisfeito com a fórmula política actual?

—Nada, no meu estudo e na minha observação, me permite afirmar que a solução constitucional portuguesa não seja a adequada às condições particulares do País e às exigências do Estado moderno. Claro que posso não estar satisfeito com certos pormenores da organica ou da realização do pensamento constitucional: isso é outra coisa. E já me afirmei contrário à estagnação, ao imobilismo, que são não só um erro como um perigo. Um regime tem de ser uma fórmula viva e a vida consiste numa constante rectificação e adaptação. Há que fazer um esforço incessante de aperfeiçoamento das instituições, de melhoria dos métodos, de renovação dos quadros.

—V. Ex.ª em 1943 relatou um parecer na Camara Corporativa em que desasombradamente apontava deficiências da nossa Assistência...

—É verdade. E folgo de verificar que desde então se realizou um notabilíssimo esforço para remediar essas deficiências. O problema não está resolvido porque é muito difícil arrumar na prateleira das questões decididas um problema desses. Mas tem-se trabalhado muito e é com prazer que presto sincera homenagem ao sr. dr. Trigo de Negreiros pela obra que nesse campo realizou. Também na Previdência Social houve um magnífico arranque a que não se seguiu, porém, a con-

tinuação esperada. Em matéria de política social há muito a fazer...

—Uma ultima pergunta: foi V. Ex.ª quem levantou publicamente o melindroso mas inevitável problema do destino do regime e da sua chefia. Como pensa que deve agir-se para assegurar ao Estado Novo, sem sobressaltos, o dia de amanhã?

—Perdão... Creio que há aí um pequeno equívoco. O que eu disse já num discurso proferido na campanha eleitoral de 1949 e depois no Congresso de Coimbra é que não deve haver problema de sucessão...

—Como assim?

—Desde que o presidente do Conselho recebe a sua autoridade do presidente da Republica, a substituição dele é um mero problema da competência deste. Um problema constitucional tão simples—ou tão complicado...—como noutro país qualquer. Claro que o sr. dr. Oliveira Salazar é, além de chefe do Governo, um chefe nacional incontestado e que é impossível fazer por nomeação chefes políticos ou homens prestigiosos. Mas por isso eu disse que o que se põe aí não é um problema de sucessão: é, sim, um problema de bom senso, de patriotismo, de disciplina dos nacionalistas. Não se pode exigir que um país seja sempre governado por um homem de génio: mas pode-se esperar da união dos Portugueses em torno do seu chefe de Estado que seja facilitada em todos os tempos aos governantes, sejam eles quais forem, as tarefas árduas da direcção do país, na medida em que procedam com recta intenção de realizar o bem comum.

—De forma que V. Ex.ª é optimista acerca do destino do Estado Novo...

—Sim senhor. Eu creio em que a grande maioria dos Portugueses só deseja trabalhar para o bem da sua Pátria e é consciente dos gravíssimos perigos que ameaçam o Ocidente europeu. Estamos em tempo de guerra, embora de guerra fria. E nestas alturas um deslize poderia ser um suicídio nacional.

O prof. Villey

fez uma conferência no Inst. de Ciências Económicas

Começou hoje, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, o ciclo de conferências que veio realizar a Portugal o prof. Daniel Villey, da Faculdade de Direito da Universidade de Poitiers. Não houve qualquer solenidade: o professor francês subiu à cátedra e pronunciou a sua lição—como se fora uma lição do horário.

Antes, porém, o vice-reitor da Universidade, prof. Moses Amzalak, referiu-se em termos altamente elogiosos à personalidade científica do mestre de Poitiers.

A primeira conferência era subordinada ao tema «Ciência e doutrinas económicas», e foi especialmente uma lição de epistemologia.

O prof. Villey referiu-se ao sentido dos termos «ciência económica» e «doutrina económica», explicando as relações entre os dois degraus intelectuais após sua definição.

O conferente comentou com minúcias os trabalhos dos professores Gaston Pirou e Guitton, acabando ele próprio por dar a sua interpretação, que difere bastante da dos autores citados.

Concluiu o prof. Villey dizendo: «A doutrina sem a ciência não passa de um falatório estéril; a ciência sem a doutrina decai em técnica».

A próxima lição do prof. Daniel Villey realiza-se amanhã, pelas 10 horas, sobre «As doutrinas económicas na história».

Assistiram à lição de hoje, além dos alunos e de algumas pessoas que particularmente se interessam pelos assuntos versados, os professores do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, drs. Marques Guedes, Pires Cardoso, António Maria Godinho, Faria Lapa, Pinto Barriga, e o professor jubilado, Luís Viegas.

AMANHÃ

NO RESTAURANTE-TÍPICO

«O FAIA»

o almoço é dedicado aos

MANOS ALEXANDRES

que este ano voltaram a obter grande êxito em Paris

Todas as noites, bom fado por

BERTA CARDOSO, MARIA PEREIRA e ALFREDO MARCENEIRO

FRANCISCO CARVALHINHO, á guitarra e professor MARTINHO

D'ASSUNÇÃO, á viola

R. DA BARROCA, 48-56 — Telef. 29387

— (Para adultos) —

VIDA MUSICAL

Recitais de musica gravada

Recomeçam esta tarde, no Instituto Britânico em Portugal, á Rua Luís Fernandes, n.º 3, Lisboa, os recitais de musica gravada, que se repetirão todas as quintas-feiras, como a de hoje, ás 18 e 30.

No programa de hoje estão incluídos o Concerto «Brandenburg» n.º 1, de Bach; os Estudos Sinfónicos, de Rawsthorne; a Suite do ballet (Cleckmate), de Bliss. Também, como de costume, estas sessões serão publicas.

Domingos Sinfónicos em S. Carlos

Com um programa que inclui a «Grande Páscua Russa», de Rimsky-Korsakoff, a «Sinfonia Incompleta», de Schubert, o «Concerto para Oboé», de Mozart, as «Dolorosas», de Oscar da Silva e o «Prelúdio», de Rachmaninoff, realiza-se no próximo domingo, ás 16 horas, o concerto inaugural da Filarmónica na presente temporada, sob a direcção do dr. Ivo Cruz e com a colaboração do oboista Santos Pinto que acaba de regressar de Paris onde permaneceu como bolseiro do Instituto de Alta Cultura.

APENAS
1.409\$30
BARCELONA
PAA
PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA

Dirija-se ao seu Agente de Viagens...
ou a Pan American World Airways
Praça dos Restauradores, 46-Lisboa

Quando se fala em Restaurante

pensa-se onde se serve melhor

Só não recomenda o PEROLA quem não conhece serviço e preços desta casa.

Rua Eugénio dos Santos, 95
(frente ao Coliseu)

Bites à cortador, Oh! Lacerda

Avenida Berra, 36-A, modernizado, aguarda a visita dos seus clientes



HOJE — Quinta-feira, 29

no «WONDER-BAR»

depois das 21 horas

JANTARES e CEIAS — BAILE

com o magnífico conjunto musical **TONY AMARAL**

Consumo mínimo 40\$00

(Para adultos)

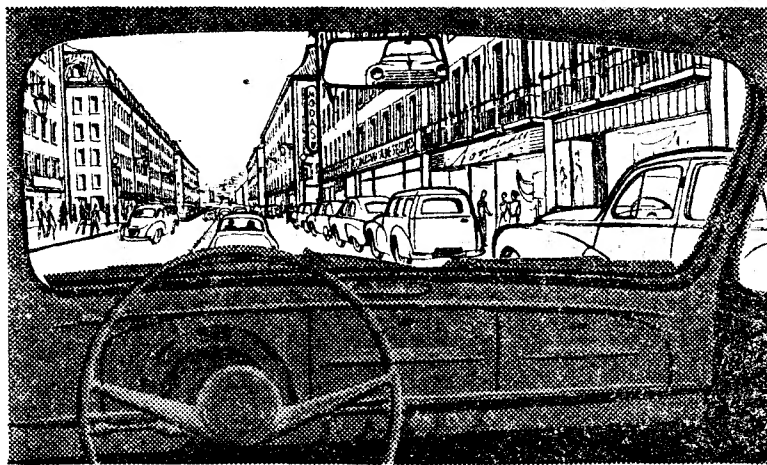
SABADO, 31: no «WONDER-BAR»

«A' PROCURA DO TESOURO»

Um passatempo curioso que habilita todos os frequentadores do «WONDER-BAR» a um prémio pecuniário

(Marcam se mesas)

CONDUZA UM «PEUGEOT» NA CIDADE!



VEJA COMO O ARRUMA COM FACILIDADE, MESMO EM ESPAÇOS APERTADOS, COMO OBEDECEM OS TRÁVÕES E COMO É RÁPIDO NO ARRANQUE

DEPOIS... COMPRARÁ UM

Peugeot
203

DISTRIBUIDORES PARA O SUL

MOCAR, L.D.A AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19-A-19-B

SERVIÇO • OFICINAS • PEÇAS: R.D. LUIS DE NORONHA, 40-40-A

No Porto, dorme-se bem na pousada Pão de Açúcar — Rua do Almada, 262 - Telef. 22425

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

Terminaram ontem no Teatro Rivoli do Porto os espectáculos da companhia do Teatro Monumental, que amanhã e depois representam a comédia «Ela não gostava do patrão», no Teatro Avenida, de Aveiro.

—O ureço da verdade» é a peça com que a companhia Alves da Cunha se estreia no Teatro Avenida.

—Regressou ontem de Madrid o actor M. Santos Carvalho, que ali foi participar do desempenho do novo filme de Artur Duarte, «Nuvens de Verão».

—A actriz Elvira Velez, que há dias regressou de Macieira de Cambra, foi convidada para ingressar na companhia do Teatro Monumental.

—Teve ontem alta do Hospital de S. Luis, encontrando-se já na sua residência, o actor Igrejas Caeiro, que está em franco restabelecimento.

—A Orquestra Sinfónica de Acordeons Holner, em digressão artística pela Europa, encontra-se a realizar concertos na Dinamarca.

—A distribuição de figuras da peça «Madame Sans-Gêne», cuja estreia está marcada para amanhã no Teatro Avenida, é a seguinte: «Catarina», Alda Garrido; «Madame de Bulow», Argentina Della Torre; «Carolina», Wanda Kosmo; «Elisa», Adelina Ioro; «Rosinha», Lucy Costa; «Tonietta», Maria Pinheiro; «Savary», Vicente Marchelli; «Lefevre», Milton Morais; «Fouché», Atilla Ioro; «Imperador», Ilidio Costa; «Jasmim», Geraldo Gamboa; «Neiperga», Luis Pinho; «Saint-Marsan», Nelcy Joaquim.

Alda Garrido

dedica a sua récita de honra
ao embaixador do Brasil

Alda Garrido, uma artista de enorme talento e funda emoção popular, vai dar-nos amanhã, na récita em sua homenagem, a verdadeira medida do seu valor de actriz, «Madame Sans-Gêne», uma peça notável, que foi glória da grande Lucinda, vai ter uma extraordinária réplica na interpretação de Alda Garrido que, gentilmente, dedica o espectáculo ao novo embaixador do Brasil em Lisboa, o ilustre poeta Olegário Mariano.

«Madame Sans-Gêne» será a última peça a apresentar pela companhia simpática que tem à frente Alda Garrido. O público, por certo, tomá-lo-á em conta e aconderá entusiasmado a aplaudir a consagrada artista.

«Madame Sans-Gêne» representará-se em duas sessões, às 20 e 45 e às 22 e 45, sendo já poucos os bilhetes que restam para o espectáculo de amanhã.

Primeiras exhibições

«Miss Itália», no Império

Seria extremamente difícil, mesmo com muito boa vontade e benevolência, encontrar neste filme algo que nos satisfizesse plenamente. Sendo um filme de inúmeros meramente comerciais, ele poderá, todavia, satisfazer um público pouco exigente em matéria de cinema.

Quanto a nós, cremos ser este um dos exemplos flagrantes que nos prova não só o mau gosto de um cineasta, ao propor-se «importar»

um tema que não é tipicamente italiano, como a precipitação e a leviandade com que o tratou. Pretendendo contar-nos a história da eleição de «Miss Itália», o sr. Duilio Coletti (é o realizador) trata de nos apresentar um escritor meio-pateta, meio-galã, que vai investigar quem são as concorrentes. Uma visita apressada a cada ra, as concorrentes têm todas muito medo de uma delas: revela-nos que, desde uma sobrinha de um cura de aldeia até a uma aristocrata parafica, passando por uma «respeitável» senhora, apresentam d'ante do júri e que tremem à ideia daqueles segundos decisivos.

Insinuamos com isto, evidentemente, que o filme não passa de uma «reportagem das histórias fugazes» dessas raparigas, como honestamente a empresa do Império anunciou no seu programa.

A Lollobrigida, que, por ter obtido, em tempos, o ambicionado título, se tornou actriz cinematográfica, interpreta, como é natural, o papel da obscura triunfadora. As outras interpretações estão à altura do filme.

Entre os complementos destacamos, pela sua extraordinária graciosidade, pelo seu bom gosto, um da série dos «marionettes» de Podrecca, que, como é natural, estão a obter extraordinário êxito.

Oxalá isto seja um indício para a subida de nível das programações — Visor 24.

«Gosto do rapaz»

O primeiro filme musical
da temporada no São Jorge

O Cinema São Jorge vai apresentar, a partir desta noite, o seu primeiro grande filme musical.

TODOS FALAM COM ENTUSIASMO NO GRANDE ESPECTACULO
EM TECNICOLOR DO

POLITEAMA

QUE ENTRA TRIUNFALMENTE NA 2.ª SEMANA
Um dos mais apaixonantes romances de amor com a escultural

MARILYN MONROE

No papel de uma mulher cujos beijos eram de fogo e só vivia para o amor!
A história inebriante de uma mulher bela cujo amor provocava torrentes de paixão!
Um êxito absoluto que conquistou o público!

(Para maiores de 13 anos)

No programa o documentário de
arte (colorida)

«Tela e Telão»
sobre o famoso pintor DEGAS



20. Century-Fox
Niagara

Marilyn Monroe

Joseph Cotten · Jean Peters · Technicolor

CASEY ADAMS · DENIS O'DEA · RICHARD ALLAN · DON WILSON · LURENE TUTTLE · RUSSELL COLLINS · WILL WRIGHT



Fred Mac Murray



Robert Douglas



Victor Mac Laglen

VERA RALSTON

Num espectáculo de rara beleza e exotismo vivido nas fabulosas
Indias Orientais

**VENTO DO
ORIENTE**

AMANHÃ
NO
CONDES

UM EXCLUSIVO
DE
FILMES
CASTELLO LOPES



cal da temporada, «Gosto do rapaz». Servida por um luxuoso guarda-roupa cheio de canções, é uma dinâmica comédia colorida da Metro, realizada pelo famoso Don Weis, e interpretada por Debbie Reynolds e Donald O'Connor, o par romântico da «Serenata à Chuva». O público vai rir com as peripécias deste filme, a que não faltam momentos do melhor «music-hall», luxuosos números de revista, e, principalmente, o bailado do «base-balle», o bailado sobre patins, e o alucinante bailado da «volta ao mundo», no qual se salienta uma perfeita e engraçadíssima «charge» aos romances policiais.

Matinée infantil às 16 horas

Um delírio! Uma alegria!

O público, entusiasmado, vai hoje
ao Coliseu ver a Nova Companhia de Circo. Últimos espectáculos. Sábado, «matinée»

Não perca a oportunidade para ver ainda, no Coliseu, a Nova Companhia de Circo, que está ali a dar os seus últimos espectáculos. Hoje, em «matinée», às 16 horas, e todas as noites às 21 e 30, as maiores atrações de todo o Mundo. Com arrojadíssimos voadores, as esculturais Hartley's Air Girls, cama elástica e trapézio, escações do Professor Galindo, equilíbrio em escadas, manipuladores, o Rei do Matabarismo, duas parelhas de palhaços, enfim, um espectáculo à altura das maiores capitais do globo. Hoje, «matinée», infantil, às 16 horas, em que todas as crianças até aos 10 anos, devidamente acompanhadas, têm entrada gratuita.

Os Fatos Usados

de homem e rapaz, calçado, etc., que V. Ex.ª tem para vender, será pago conscienciosamente, se nos chamar pelo T. 33985.

AVENIDA 2 SESSÕES
às 20,45 e 22,45

Últimas representações

TOMA QUE O FILHO É TEU...

Amanhã-Estreia

DA PEÇA EM 3 ACTOS



**MADAME
SANS-GENE**

em récita de homenagem
ao Sr. Embaixador do Brasil

O ADEUS A LISBOA

DA GRANDE ARTISTA

ALDA GARRIDO

RETIRO DA BAIRRADA

Restaurante típico
Estrada da Damaia, 49 (a Benfica)

Tel. (8) 94

Gerência de Elísio de Lacerda e Carlos Pedro

**FADOS
e Guitarradas**

Esplendida castiça
à portuguesa

Aberto até ao madrugada

EDUARDO FUTRE

(MAIORES DE 18 ANOS)



TEATRO MONUMENTAL

(TELEFONE 55133)

VASCO MORGADO APRESENTA

FALTAM POUCOS DIAS PARA QUE O PUBLICO DE LISBOA VEJA E APLAUDA

JOSE' GAMBOA

NA COMEDIA DE JACQUES DEVAL EM

...E o patrão enlouqueceu

COM MADALENA SOTTO A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

ESTREIA 3 DE NOVEMBRO



RICHIARDI

Sábado e Domingo: Últimas «matinéas» às 16 horas

DUAS S.S. 20.45 e 22.45

ULTIMOS DIAS DO GRANDE ESPECTACULO QUE LISBOA ELEGANTE E LISBOA POPULAR RECEBEU COM APLAUSOS FRENÉTICOS

RICHIARDI JR.

EM

CAVALGADA MÁGICA

com 30 LINDAS RAPARIGAS POR 6 ESC. NÃO DEIXE DE VER ESTE MAGNÍFICO ESPECTACULO

MAIORES 13 ANOS

Sábado e Domingo **MATINÉES INFANTIS**

Às 18.15 h.

NO DOMINGO PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL UMA SESSÃO ÀS 11 HORAS

ERA UMA VEZ UMA PRINCESINHA

LUGARES desde 5 ESCUDOS

CRIANÇAS 6 ANOS

MAXIME

PARA ADULTOS — O MELHOR EM TUDO SÓ GRANDES EXITOS!

A formosa vedeta

MARY MERCHE

em canções admiráveis

ENCARNITA FLOREZ e o seu guitarrista RIERA — ROSINA GRACIA — TANIA NAY — WIKI VARNET — MISS ASTURIAS — ROSITA DARGEL — BEL MARY — HERMANAS MONTIJO — ANTONITA CORONEL — HERMANAS ARILLAS

Musica de baile pela ORQUESTRA TROPICAL BOYS com MARIO DE JESUS e CONJUNTO FERNANDO D'ALBUQUERQUE com RICARDO LUIZ

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

Todas as noites às 21 e 45, a comédia de OLAVO D. LÇA LAL

A TAÇA DE OIRO

(Para adultos)

Pa'mira Bastos, Mariana Rey Monteiro, Amélia Rey Colaço e um grande e enca orçástico

Lâmpadas **PHILIPS**

Incandescentes e Fluorescentes

RADIO LISBOA, L.ª

Rua Serpa Pinto, 13-A — Telef. 23811

PARA ADULTOS SEMPRE EM FESTA! TODAS AS NOITES

Limpia Clube

TELEFONE 20919

EM PLENO EXITO:

As notáveis atrações

THE SING SISTERS

LOS GITANILLOS

BALLET

CURRO GALLARDO

COM O CONJUNTO VILAÇA

AMANHÃ: NOITE DE GRANDES ESTREIAS!

A vedeta da canção farnanca

ANA MARIA CATALAN Estrela da rádio de Eoanha

A simpática bailarina

MARU

A gentil bailarina

ENCARNITA LOPEZ

MUROS de canto e baile

HERMANAS ANTEQUERA

A insinuante pare ha de baile

SARA Y PILAR BERNAL

e, ainda, a apreciada bailarina e a de MARILL

Cineclub dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE: — GOSTO DO RAPAZ — SÃO JORGE

São Luiz

Telet. 27172

(Para maiores de 18 anos)

A's 15.15-18.15-21.30

2.ª semana de um êxito colossal

Escravidão

Empolgante filme francês, com Leonora Rossi-Drago, Daniel Collin e Barb. Laaga

TIVOLI

Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde (a preços reduzidos) e 9.30 da noite

Para maiores de 13 anos

3.ª semana GR. GORY P. CK SUSAN HAYWARD em

As neves de Kilimanjaro

(em technicolor)

EDEN

Telet. 20768

(Para maiores de 18 anos)

A's 15.30-18.15-21.30

5.ª e 6.ª domingos, a engraçadíssima comédia

Rainha sem reino

com ROSALIND RUSSELL, Paul Douglas e Marie Wilson

SÃO JORGE

Prot. 54153-Bol. 54154

A's 21.30, Estreia da desopilante comédia musical

Gosto do Rapaz

com Donald O'Connor e Debbie Reynolds

ODEON

Telet. 26293

A's 21 e 15

4.ª Semana de deslumbrante filme colorido indiano

PRESTÍGIO REAL

Toda a beleza, fascínio e mistério do Oriente fabuloso (Para maiores de 13 anos)

CAPITOLIO

TEL. 27403

A's 21.30: Em 2.ª semana

A ILHA DO PECADO

A emocionante história dramática com Silvana Pampanini (Para maiores de 18 anos)

TERRASSE A fortaleza de Jamaica

Suprema derrota

(Para maiores de 13 anos)

CONDES

Telet. 55131

Para maiores de 13 anos

A's 15.15-18.15 e 21.30

Últimas exhibições do êxito de GARGALHADA

ROMA e JULIETA

com o impagável CAN. I. N. FLAS e Maria Elena Marques

MONUMENTAL

TEL. 55131

A's 15.15-18.15-21.30 (Para adultos)

O arrebatador romance da vida mexicana

SOMBRERO

em TECHNICOLOR com Per Angeli, Ricardo Montalban, Yvonne de Carlo, Vittorio Gassman e Cyd Charisse

IMPÉRIO

Telefs.: Plateia 55134

Balcões 55135

A's 15.15-21.30

O emocionante filme

Miss. Itália

com Gina Lollobrigida e Carlo Campanini (PARA ADULTOS)

LIS

TEL. 48560

A's 21.15

(Para maiores de 13 anos)

Duelo sobre o mar

Retrato da vida

(Para maiores de 13 anos)

CASINO A Lenda da Floresta

ESTORIL

A's 21.30

com Hanna Rucher

Espectáculo para adultos



João de Vasconcelos

VASCONCELOS e o seu vocalista CARLOS ROCHA

Domingo, «Matinéas» Varmuth com início às 17.30 horas



Horácio Reinaldo

MIAMI

PRAÇA DA ALEGRIA, 56

Telef. 34120 Para adultos

APRESENTA: HOJE EM ESTREIA

HORACIO REINALDO

(O grande estilista de ritmos tropicais)

e **MANOEL FERNANDES**

(O aplaudido cantor romântico)

EM PLENO EXITO LUIZA e MARIO

PILAR MARIA, PERLA DE LEVANTE,

ELISA ISABEL, ROSE AND SOLE e a

Grande Orquestra CARAVANA com o

maestro

Maria Vitória

EM 2 SESSÕES—às 20.30 e 22.45

SALVADOR APRESENTA

EM PLENO EXITO!

SAIAS CURTAS

Uma grande revista popular, com Salomé, Tereza Gomes, Humberto Madeira, Max, Tony de Matos e Maria José da Guia



Salvador, Salomé e Humberto Madeira num grande momento cômico

PARA ADULTOS

LUSO

TEL. 32889

Animador Filipe Pinto

Hoje—NOITE POPULAR

CANTAM: NOÉMIA

CRISTINA, Adelaide Faria,

Helena Tavares, Isaura Ali-

ce de Carvalho, Manuel Ca-

listo, Eduardo Janeiro e

Sebastião Pires. Solos por

Camarinha e Pedro Leal. Para adultos.



Adelaide Faria

AMANHÃ:

Amália

(A EXPRESSÃO MÁXIMA DO FADO)

MARCAM-SE MESAS



VIDA Literária

O PRETO NO BRANCO

Originalidade

Oigo defender a ideia que os povos devem ser inteiramente originais nos seus costumes e hábitos e até nas ideias e instituições. Quer-me parecer que as pessoas que defendem este ponto de vista encaram a coisa sob o aspecto turístico e sonham com um Portugal todo vestido à «Moda do Minho» o que não deixaria de ser garrido e vistoso.

Aqui há muitos anos um campeão de esgrima português já falecido travou relações em Paris com o grande esgrimista francês Merignac, ás da espada e do florete. Esse simpático homem era um gigante de grandes bigodes á mosqueteiro e que só vivia para a esgrima. Não tinha outro interesse que não fosse o de ferriar com um adversário e julgava que os homens tinham vindo a este Mundo para empunhar um ferro agressivo, cortante e pontagudo, diante de um adversário igualmente provido de idêntico instrumento. E quando lhe disseram que o nosso esgrimista era Português acolheu-o com um excepcional entusiasmo e interesse e repetia insistentemente dando-lhe exuberantes acolades, que é como se chama em francês aos abraços:

—O' que vous êtes heureux, que vous êtes heureux, les portugais! Et comme je vous envie!

Quarta ele dizer que os Portugueses eram felicíssimos e que ele lhes invejava a sua felicidade.

E como o nosso esgrimista estranhasse essa opinião e essa inveja que lhe pareciam um tanto excessivas o Merignac explicou a razão. E veio a saber-se que ele estava convencidíssimo que nós, na nossa terra, usávamos todos espada á cinta e chapéu de plumas como nos tempos do d'Artagnan. E que a cada pé de passada rapávamos da durindana e, em plena rua, de noite ou de dia, liquidávamos os nossos dissídios, metendo um pedaço de ferro na barriga ou no coração do adversário.

—Como é belo isso! como é belo! repetia o Merignac entusiasmado.

Quando lhe explicaram que não era assim e que nós usávamos chapéu de coco e bengala como os parisienses, o terrível homem teve uma grande desilusão. Confessou aos amigos que desistia de uma projectada e desejada viagem a Portugal porque não havia cá nada que ver. E que tinha pensado em contratar por bom dinheiro um Português para o ter na sua sala de armas, como quem tem um papagaio ou um pássaro exótico, a título de curiosidade, mas desistia. O Mundo estava perdido e já não havia povos com uma civilização original.

O Merignac exagerava a mesmice do universo. Nesse tempo ainda os japoneses se deitavam no chão diante do Mikado e na cidade sagrada de Pekim onde vivia o Filho do Céu, não podia entrar ninguém que não tivesse licença especial. E se entrasse a sua cabeça rolava sobre os pavimentos de jade, ante o olhar calmo dos Budas milenários. Depois vieram os europeus reduziram a poeira com a sua artilharia a cidade preciosa e rendilhada e o Filho do Céu acabou por ser corrido pelo Sur-Yat-Sen como qualquer filho da terra.

Há uma tendência para a uniformidade—que eu considero também lamentável em arte. O chinês que, aqui há tempos, compareceu perante a O. N. U. para dizer da sua justiça sobre qualquer assunto chinês, antes de usar da palavra espantou e fez rir a Assembleia. Foi o caso de que começou o Chinês a passear muito grave diante do douto Areópago, voltando-se ora de face, ora de perfil, ora de costas, para que o mirassem bem por todos os lados. Depois levantou por vezes ora um pé ora outro exibindo uns formidáveis sapatos de dupla sola tudo quanto há de mais «made in America». E em seguida a isto começou assim:

—Meus senhores:—eu dei-me a estes exercícios preliminares que fizeram rir V. Ex.^{as}, para os convencer de várias coisas, entre as quais a de que nós os Chineses já não temos rabicho e não temos os pés deformados.

E após este exórdio prosseguiu na sua arenga diplomática. Ao contrário portanto do que eu oigo proclamar como excelente entre nós, esses grandes povos asiáticos, aspiram ao que parece, á uniformidade. Não digo que não se procure conservar um certo carácter, na uniformidade sobredita. Mas não me parece realizável, por exemplo, uma tal modificação na nossa indumentária que nos permitisse andar no Chiado com os calções do Vasco da Gama ou a cota de ferro do Lidador.

E muito menos a adoptarmos uma mentalidade prelógica, como os bantus, ou as samojedas. Os esquimós dizem-me que são uma santa criatura mas são esquimós. Depois há outro aspecto sob o qual o problema tem de ser apreciado é o psicológico. Se o nível mé-

dio da estupidez dos povos é um certo e determinado, haverá um perigo talvez em excedê-lo. Ser estúpido não é defeito. Não é pelo menos um defeito porque se possa responsabilizar um cristão porque lá está aquela palavra que diz: «Bem aventurados os pobres de espírito...» Todavia não vale exagerar. A Virtude excessiva pode transformar-se em vício. Sumum jus suma injuria.

Para aqueles que deliram com os contrastes entre raças é civilizações ainda há pano para mangas no orbe terráqueo. É lamentável que os Marroquinos já ultimamente não se rojem, face no pó, diante do sultão. Mas há os Maus-Maus!

Bem sei que é uma originalidade que lhes está saindo cara.

O melhor, em minha opinião, é não nos tornarmos salientes, que é um ditame de boa educação e de saber viver. E se é certo que «cada roca tem seu fuso» não é menos certo que cada civilização tem o seu tipo.

RAMADA CURTO

OS NOSSOS CONTOS

«Diário» de Clara Norberta

por CARMEN DE FIGUEIREDO

(Um caderno de folhas ligeiramente azuladas, está abandonado sobre o tampo de cristal duma pesada secretária. Na primeira página, lê-se: «Diário» de Clara Norberta. Em frente do caderno, mesmo em frente, um belo relógio antigo marca as horas de agora...)

MAIO, 5:—Senhor meu Deus, perdoai-me! Amei um criminoso!... E amei-o, apesar de ir conhecendo, dia a dia, todos os seus crimes, aqueles crimes que ia praticando com o impudico civismo dos habéis profissionais... Senhor, perdoai-me! A princípio, julguei-o apenas versátil, inconsequente, com uma leve tara. A pouco e pouco, porém, a alma desse homem foi-se abrindo, revelando-me abismos verdes, límosos, tremedais horríveis, que, só o olhá-los, causava pavor e angústia. Como reu, fugir? Esta alma atraía Acorrentada, presa pela atracção diabólica, eu, contendo, se não recuava também não avançava... Foi isso... Hipnotizada... E hipnotizada fiquei por longo tempo, assistindo, inquieta, ao desenrolar do filme satânico. Amei um criminoso! Sim, porque eu amava o homem de alma negra como poço sem fundo, cheia pelos reflexos exteriores. Com uma perversidade anormal, ele insinuava-se-me no espírito atormentado, tão atormentado que cheguei a amá-lo com ódio...

Era ele uma espécie de polvo, cujos tentáculos, cada vez mais distendidos, queriam sugar tudo, tudo: emoções, palavras, gestos, atitudes... Hipnotizada, eu... Ele falava de outras aventuras, mulheres que se anulavam por causa dele, que se escondiam só para o amar, que se sacrificavam totalmente, moral e materialmente, felizes, só para ganharem um beijo dos seus lábios descorados, sem viço... Eu ouvia-o estarecida. Também eu queria os seus

beijos? A alma ia-se abrindo... Um dia, sim, ele...

MAIO, 20:—Amigo de dedos brancos que tudo escutas calado, meu «Diário» das horas de febre, porque te abandono por tanto tempo? Falta de coragem... É verdade. Sempre me faltou a coragem... Por isso ele foi tão longe, esse criminoso que tentou perder-me por todos os modos. Eu era flor que se contorce e atre-

(Continua na 11.ª página)

1. 2. 3.

Está publicada a segunda edição do emocionante livro «Fogo no Mar», de João Falcato, que o dedica á memória dos seus companheiros que encontraram a morte no incêndio do vapor «Melo», durante a guerra.

Veio a lume o tomo VII, do «Mundo que os Portugueses descobriram», obra do distinto jornalista Armando de Aguiar. Numerosas gravuras ilustram o texto.

Saiu a quinta edição de «Fumo», guerra em Timor, de Carlos Cal Brandão, testemunha directa dos factos que ali ocorreram, durante o último conflito mundial.

Migalhinhas do meu pão

por MARIA MANUELA

Como o fogo, devemos alimentar as nossas relações de afecto, se não queremos vê-las esmorecer...

A insatisfação é a maior inimiga da felicidade...

O Sol nos dá a luz, o Sol nos cega...

Encher de superfluo uma casa, é o mesmo que carregar um vestido de enfeites. O bom gosto está na simplicidade...

Casa pequenina. Que importa? Se houver um pedacinho de Céu sobre a nossa cabeça...

Temos vista e não vemos; ouvido e não ouvimos; olfato e não apercibemos; paladar e não distinguimos; tacto e não ligamos—desde que o pensamento se ausente dos sentidos...

TREM PERDIDO

Eu ontem fui á estação
me despedir do meu bem...
Partiu com ela a Ventura!
Dona Alegria também!
Foi tudo... Só a Saudade
não pôde apanhar o trem!...

LUIS OCTAVIO

DE VEZ EM QUANDO

Da amizade

por João Patricio

O Poeta exclamava, então, numa das suas mais belas e expressivas poesias:

«O' morte! Espera, espera».

E, mais adiante:

«Não quero, não, morrer agora».

Pobre André Chénier! Não morreu, nessa altura, mas não tardaria que os seus companheiros de luta da véspera, a transbordarem de ódio cego (sentimento que, felizmente, os poetas ignoram), traissem demagogamente, intolerantemente, a nova mensagem de liberdade e fraternidade humanas, pela qual o seu coração, generoso e alturista, se batera, romanticamente.

Com 32 anos, apenas, o terror robes-pierreano da sua Revolução levou-o, pobre Poeta, a subtrair, ignominiosamente, as escadas, o calvário do cadafalso.

Perante acto tão vergonhoso, quanto atentório da inteligência e liberdade humanas, a História não recolheu da sua boca uma palavra de ódio, uma censura, um andame de profética vingança; mas, sim, a frase célebre, arrepente, saída do seu coração, a sangrar: «Nada há mais belo no Mundo, depois da Poesia, do que a Amizade».

Precisamente no instante em que a amizade lhe voltava as costas, evangélica, cristãmente, ele fazia, ao transpor, empurrado por mãos criminosas, as portas da morte, a apologia da amizade!

O caso de Chénier foi, no meio daquele sanguinário vendaval de ódios e vinganças, em que se afundam todas as revoluções e ideias novas, que se divorciam do coração e da razão—uma luz de alta espiritualidade, derramada sobre o mundo da intolerância e da violência, de que a História é testemunha, silenciosa e omnipresente, em muitos dos seus capítulos.

André Chénier, no momento de ser apunhalado traiçoeiramente, no seu coração, pelo braço da inimizade e do ódio, entroniza no coração dos homens, e uma forma heróica, humilde e patética, nesse segundo supremo o valor e a sua fé na Amizade.

Sim, Chénier á amizade, a verdadeira, a autêntica (e só uma pode ter tal nome), é o mais nobre e elevado sentimento do homem!

Em todas as épocas, porém, nos períodos de euforia materialista, esse sentimento superior entra em crise.

Nos nossos dias, de super-hipertrofia económica e correspondente aviltamento espiritual, semelhante sentimento escasseia, progressiva e desoladoramente.

Talvez, por isso, o homem hodierno, isolado, no meio do egoísmo geral, com a sua personalidade e liberdade esmagadas pela máquina, a Deusa omnipotente deste século, em que se perdem, tragicamente, a fé em Cristo e, até, na própria ciência—sinta, como nunca, a necessidade, premente e íntima, de confiar e receber confiança, de dar e receber amizade, consciente de que a pior das solidões—como diz Bacon—é a de todo aquele que não possui um amigo sincero.

Enquanto a semente espiritual de André Chénier frutificar, na terra sulcada, revolvida pelo ódio e a intolerância, sempre, aqui e ali, aparecerá uma mão, estendida e aberta, a oferecer amizade, quantas vezes mais necessária á vida do homem do que o pão para a boca, pois que é o pão do coração.

BELAS PAGINAS DA LITERATURA PORTUGUESA

OS MELHORES CONTOS PORTUGUESES

1. Série—Seleção, prefácio e notas bio-bibliográficas sobre todos os autores, por Guilherme de Castilho

4.ª edição de uma notável AN OLCGI que honra a nossa literatura. Vinte contos dos nossos maiores contistas

Alexandre Herculano, Camilo, Eça de Queirós, Julio Dinis, Fialho de Almeida, Alberto Braga, Pedro Ivo, J. César Machado, Ramalho Ortigão, Abel Botelho, Rodrigo Paganino, Alvaro do Carvalho, Teixeira de Queirós, Trindade Coelho, Malheiro Dias, Teixeira Gomes, Raul Brandão e António Patricio

INDISPENSÁVEL A TODOS OS AMADORES DE BONS LIVROS E UTILÍSSIMO AOS PROFESSORES e ESTUDANTES

1 vol. de 460 págs. 25\$00 Remete-se pelo correio á cobrança
A venda em todas as livrarias—Edição da PORTUGALIA EDITORA
Avenida da Liberdade, 13, 3.º — LISBOA

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

«Um coleccionador de angústias»

por Fidelino de Figueiredo

Depois de um longo e demorado roteiro pelo Mundo, em que o exílio se confundiu com a volúpia de novas terras—diria melhor de almas novas a cultivar e a entretecer do amor da literatura e da história portuguesas—é este o primeiro livro que Fidelino de Figueiredo nos dá após o seu regresso. Não sei porquê, tenho a impressão que o notável mestre intelectual tem por ele um carinho muito especial, não só porque o que contém de recordações vividas, de experiências pessoais, mas de substância moral de um pensador admirável do que se pode chamar o amargo cotidiano da existência. E tem razão! Um *Coleccionador de Angústias*—que belo título, na sua dolorosa e inquieta expressão—deve ser o seu melhor livro. Uma das obras cumes, em que as encostas podem ser ásperas, a vegetação bravia, as desilusões terríveis, os caminhos invios, os pedregais hostis, mas que, lá, no alto, depois da cansativa escalada, que foram dias, anos, decênios vividos, se encontram a grande sombra, o descanso, a serenidade, a calma, que nos fecham suavemente os olhos para o último sono...

Fidelino de Figueiredo é um pensamento claro, uma ideia luminosa, e, sobretudo, prestável e fraterno no meio humano. Não vale a pena aqui recordar a sua obra magistral de crítica literária, tão original e ardente, de comunicação espiritual, através da qual delineou, arquitetonicamente, com seguros fundamentos e robustas paredes, que não excluem a elegância artística da decoração literária, um nobilíssimo edifício, onde as grandes figuras de todos os séculos, que deram luz ao Mundo, estão situadas, revividas, encarnadas, nos seus mais flagrantes retratos. Ao pé, as obras folheadas, interpretadas, não com os convencionalismos de uma cultura escolástica, e, portanto, formalista e preconceituosa, mas com a força ardente, galvanizadora, inspiradora da própria natureza humana que as concebeu, numa relação de causa e efeito, sim, mas mais lata ainda porque revela a época em que essas obras foram feitas, a psicologia dos seus autores e o próprio carácter renovador, libertador, ecuménico do seu comentário. Fidelino de Figueiredo, para nos dar, por exemplo, a «Menoridade da Inteligência», «Sob a cinza do tédio», «Pirene», ou esse marco notável de crítico-história, que é a «Época portuguesa do século XVII» surge-nos como o «homem-sapiens» de ontem e de hoje. Por outras palavras, não dividiu o tempo, senão na sua fenomenologia cronológica, porque o abarcou, por inteiro, tornando o retrospectivo actual, e daí essas criações vivas de substância e de permanente actualidade. Podem julgá-lo um dissidente do ensino universitário, se-lo-á, sem dúvida, mas é um criador potente, que trouxe para a crítica um pensamento original, com as suas incursões pelos domínios do humano real e uma arte de despertar a curiosidade dos discípulos espalhados, através do vasto mundo de Portugal e das Américas, de os ver, menos como alunos, de como amigos, mais jovens, na atitude platónica ou socrática da convivência espiritual, do esclarecimento permanente, do diálogo cerrado no mesmo plano, sentados em iguais escabelos, não entre quatro paredes frias e desoladas de uma aula, mas, em plena natureza, sob a luz de um céu claro e festivo, em contacto permanente com todas as verdades da existência.

Daí resulta que Fidelino de Figueiredo é um esoucor de almas—cujos actos, as obras, as atitudes, as palavras mais insignificantes, têm contribuído nestas décadas da sua volumosa e rumorosa actividade intelectual—para o tornarem um genuíno mestre do pensamento, e, como tal, desinteressado e gratuito, devotado até ao sacrifício, em pura glória de espírito. Tal como um semeador, que espalha os bagos do trigo, pelo campo lavrado, que não lhe pertence, mas que deseja, em comunhão mística com a terra, que a seara seja próspera, de belos e numerosos grãos, no multiplicador infinito da fecundidade, para que o pão sacie avonde todas as bocas dos irmãos-homens, venham donde vierem, nas linhas entrecruzadas dos mais anónimos destinos.

Estamos em crer que Fidelino de Figueiredo, na sua feição lusiada e, sobretudo, através da sua expressão teperamental, de tão nobre e conviventes impulsos, é, de certa maneira, um con-

tinuador de Miguel Unamuno, com muitas diferenças, além das já definidas. Onde o autor do «Sentimento trágico da vida»—livro de cabeceira para muitos—era, porventura, duro, implacável, castelhano de orgulho, perante o magno e sombrio problema, sem um sorriso à flor dos lábios, que nos desse um pouco de piedade e misericórdia; Fidelino de Figueiredo, no ingénio lirismo rático, sente que o seu munus supremo tem de ser exercido, e é-o, com luminosa suavidade, em flores magoadas de paixão, espalhando infinita ternura, até de esperança, enfim, o surge et ambula, dito ao Lázaro, se não o gesto tocante e humilde, de Cireneu, no drama da Paixão Divina.

Não foi aí logo, nesse preciso instante, de transe e de agonia, que a Humanidade se redimiu? Por outras palavras, queremos significar que à implacável dureza unamunescas, que nos cresta expiatóricamente, no seu fogo, Fidelino de Figueiredo, dando-se em holocausto, como exemplo e experiência, sangue generoso de vida e carne viva de pensamento, toma, nos braços, o prostrado, o adormecido espírito humano, e, sem o enganar, no seu final irreductível, como que transpõe a desolação imensa, e o acorda, já no cimo de tudo, entre radiantes clarezas e balsâmicos efluvios.

Veja-se, por exemplo, neste livro a «Angústia do irracional», e também, como nesse belo e singular capítulo, «Um retrato da Morte», ele a caracteriza. Não é o esqueleto de Holbein, de foice rapace, nem a convencional dama negra, de véus lútuosos e misteriosos, que chega de longe, mas «um feixe de luar feito mulher. Mulher de celestial pureza. Não a pureza da candura que não viveu. Era a pureza do mesmo luar, dardando imaculado sobre todas as maldades da vida. Era a bondade suprema de quem tudo sofreu e experimentou, tudo soube, e tudo perdeu, e já nada espera».

Quase uma amante, a última, a mais querida e piedosa, que entornasse de uma urna de alabastro, que suas mãos pálidas, descessem do seio de prata, inviolável e misterioso, o esquecimento e o perdão, num total e absoluto lenitivo: «Tudo parou: agora é feliz!»—podia ela dizer em palavras que lhe emprestamos.

A ser assim, nesta visão, que contradiz a tortura anterior, a morte como que se torna boa, estremecida e apaixonante. A serenidade do mar depois da ressaca! A convalescença de todas as dores!

Mas qual o elemento psicológico de Fidelino de Figueiredo ao desenhar-lá, ao vê-la, assim, ao contrário de todos os simbolismos, mais ou menos dramáticos que pretendem «revelar» a sempre Invisível e Omnipotente? Uma dádiva total do ser, a troca da miséria carne pelo puro esplendor do espírito, um intenso e luminoso fluxo intelectual, apelo e eco, sentido de transitoriedade, desvanecimento ou apasiguamento de todas as incertezas humanas—e, sobretudo, ainda, sobrevivência vitoriosa de pensamento.

Chegámos, porventura, ao ponto crucial da análise do livro. A sua substância íntima. A sua ligação humana. O título «Um coleccionador de angústias», define essa terrível e cada vez mais cruciante, intensa e dissimulada inquietação humana, física e metafísica. Como que enche o Mundo, avassaladora e trágica, alastrando-se sempre, para tocar todos os seres e todas as almas, todos os dias e todos os instantes. Mal do século? Compreensão maior do indivíduo, que a civilização, na sua vertigem, na sua fornalha acesa e devorante, reduz a escórias e a cinzas? De facto, numerosos factores a tornam mais angustiante e invencível. Por termos destruído o tempo? Pelas cidades se converterem em cárceres de interesses e ambições? Por o indivíduo, no meio da multidão, se encontrar, ibseniamente, só? Por a batalha da vida, a incompreensão, a injustiça, a adulteração dos nossos actos, ou os próprios erros, terem exacerbado, excitado a consciência, até ao amago em dolorosas nevalgias? Tudo isto, sem dúvida, e muitos outros factores, em que o homem paga, pesadamente, o tributo de uma civilização ofegante e positivista, que o esorazava às suas máquinas, às suas cifras, às suas periódicas catástrofes bélicas. Moralmente, o indivíduo desumaniza-se. Não se percebe. E' como a «peau de chagrin» balsaquiana. O «lons vitae» foi envenenado e, daí a angústia incoercível, que não é o medo, nem o mistério do transcendente como nas anteriores idades humanas, mas o desgaste moral, a cruel ruína física, o descalabro espiritual—numa palavra, a «angústia—angustiada» de existir, quase etiológica, como numaf icha clínica. O caso de Fidelino é, apenas, uma excepção, na medida em que o seu pensamento, a sente, a esclarece, a clarifica, através de conceitos, exemplos e experiências singulares.

Ele é um que fala por muitos, que exprime o que tantos não sabem dizer—mais ainda, um pedaço da consciência colectiva, onde se refletem todas as fases do grande mal do século. Devemos dizer que este aspecto do sofrimento não foi ainda muito explorado, para além do que podemos chamar as crises místicas, os colapsos morais. Agora, porém, essa angústia enverrou-se no coração multitudinário. Como que um morbus, uma enfermidade que se contrai nas realidades da vida. O preço por que a vivemos? Talvez!



DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO

Fidelino de Figueiredo, neste seu livro, diz-nos: «a angústia forma pequenos aglomerados de conhecimento e dor, tem essência cognitiva e estética, é um pedaço ensanguentado da realidade».

Eis o homem a identificar o problema. Se analisarmos bem o livro magistral de Fidelino de Figueiredo, veremos que, abrindo com uma análise sobre a angústia, o seu «coleccionador», não voluntário, evidentemente, termina, com as mais belas páginas sobre a morte—o seu corolário, afinal. No meio, o professor, o filósofo, o andarilho do Mundo, o perscrutador das inteligências, o exilado, o aluno universitário, o político ocasional, a criança nascida no bairro pobre, que é já um microcosmos de imagens e emoções—pegas genuínas, verídicas do grande romance da existência. Romance, sem romance, porque não há ficção, de uma acção pessoal, a cada passo reflectida, coordenada e formulada por um pensamento, que outros diriam, vertebado, mas que será melhor dizer, consciente e testemunhal, que trabalha com sínteses, vendo não o incidente, o acessório, mas o todo universal.

Daí o ter-nos Fidelino de Figueiredo dado um livro superior de essência humana, revelador de um estado patético, que fica, como um documento doloroso e expressivo desta época crucial. Ensina-nos a pensar melhor e também a sofrer melhor, este «Coleccionador de Angústias».

Não é sem emoção, que lemos os períodos finais de «D. Quixote (fácil é identificá-lo) partiu ao anoitecer».

«E através da espessura da noite olham uma vez mais na direcção do casinhoto perfumado pelos jasmínios, onde ficava penando um doente de moléstia imutável ou só curável pela acção dos dedos frescos da Morte, os dedos piedosos que também sararam a D. Quixote. A terra tem de voltar os empréstimos feitos por ela ao mundo provisório das canseiras humanas, enriquecidas de experiência e angústia, mas na plenitude desiludida desse esquecimento e dessa pontual resignação».

Nessa reintegração acaba, de facto, a nossa angústia, e como a desejamos, também, sem alcançar, todavia, a nobre e comovida simplicidade de Fidelino de Figueiredo!

CULTURA

«PANORAMA DA GEOGRAFIA»

Com a ansia de cultura que se nota em muitas camadas da população portuguesa, nomeadamente, entre a juventude, cada vez mais se fazia sentir a falta de uma obra que sistematicamente e apresentasse o amplo conjunto dos conhecimentos geográficos dos nossos dias. Os estudiosos, muitas vezes desprovidos de recursos para adquirir uma vasta bibliografia, que lhes permitisse abarcar todo o actual desenvolvimento desse ramo da ciência, viam-se em várias dificuldades para satisfazer as solicitações do seu espírito.

Cumprido, mesmo, antes de mais nada, saudar a iniciativa das Edições Cosmos de promover a publicação de um «Panorama da Geografia».

Seguindo a feliz orientação que adoptara nas valiosas e uteis edições de «Panorama da Ciência Contemporânea» e do «Panorama da Ciência Económica», os activos dirigentes da quele editorial incumbiram o dr. Vitorino de Magalhães Godinho de estabelecer o plano desta obra e, assim, com a colaboração dos drs. Alfredo Fernandes Martins e Joel Serrão, estabeleceu na escolha alguns livros fundamentais,

que permitem formar um conjunto completo sobre os conhecimentos das ciências geográficas, nos seus variados aspectos. Deste modo, com a selecção rigorosa de alguns trabalhos de autores mundialmente consagrados, pode o leitor acompanhar toda a evolução do assunto, tanto mais que os três autores portugueses que se reuniram para a elaboração desta obra a valorizam com uma esplendida tradução e a enriquecem com muitas notas.

«Panorama da Geografia», que a Cosmos está a editar em fascículos, com a esmerada apresentação gráfica que está na sua tradição, será constituído por oito livros, distribuídos por trinta fascículos de 80 páginas, e que abrangerão os seguintes temas: Geografia Física, Geografia Biológica, Geografia Humana, Demografia, Geografia Económica, Geografia Social, Geografia Política e Geografia Cultural. Entre os autores cujas obras foram recolhidas para fazerem parte deste conjunto, figuram os nomes famosos de Emmanuel De Martonne, Lucien Lebrure, Pierre George, M. M. Juglar e Jean Gotmann.

Trata-se, pois, de uma obra de grande valor, cujo aparecimento cumpre saudar como importantíssima contribuição para o desenvolvimento do nosso nível cultural.

Investigação

HISTÓRIA DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

por Albino Lapa

O distinto publicista Albino Lapa deu-nos agora, em opusculo, apresentado pelo sr. major Silva Pais, «A História da Polícia de Segurança Pública». Deve ter rebuscado muitos arquivos e bibliotecas, de tal maneira o seu trabalho vem recheado de valiosos elementos, alguns dos quais nos parecem desconhecidos.

A criação da Polícia, embora com outro nome, remonta ao tempo de D. Fernando. Chamavam-se, então, os agentes quadrilheiros, designação que perdurou por muito tempo. Serviam sem receber estipêndio, e daí o furtarem-se os indigitados ao serviço. O «Formoso», deuses um regimento datado de 12 de Setembro de 1383. Diz o autor:

«Com esta famosa lei também foi estabelecida a iluminação, quer dizer, todos os nichos de santos, alpendres, entradas de palácios e as portas das casas dos quadrilheiros eram obrigadas a terem luzes, o que dava um certo amparo a quem tinha de sair de noite a chamar físico (médico) ou socorrer alguma vítima—mas tudo isto não passava de uma pálida ideia do que foi estabelecido no século XVIII».

D. Afonso V deu aos quadrilheiros novos privilégios; D. Sebastião determina que Lisboa seja dividida em bairros, e que cada um tenha um oficial de justiça; Filipe II estabelece rondas nocturnas pela cidade; Filipe III proíbe que o povo ande armado pelas ruas e ordena que os corregedores e juizes acompanhem as rondas dos coronéis e dos terços. A intenção política do monarca estrangeiro é manifesta, embora, aparentemente, se fundamente, na defesa dos lisboetas contra os criminosos e ladrões.

Albino Lapa segue, cronologicamente, as diversas fases do desenvolvimento do corpo de segurança pública, para depois se referir à acção do marquês de Pombal, logo após o terramoto, quando Lisboa estava infestada pela pior rale. A ele se deve a Intendência da Polícia da Corte e Reino. E' então que surge o cargo de intendente, que Pina Manique, porventura, excessivamente, elogiado por Albino Lapa, durante tantos anos ocupou. Não negamos méritos à sua obra: a criação da Casa Pia; a iluminação regular das ruas de Lisboa por meio de candeeiros, o massacre de 80 mil cães vadios, e muitas outras medidas necessárias à vida cidadã. Deve-se-lhe também o teatro de São Carlos. Mas em contrapartida, o famoso intendente perseguiu literatos e nobres, por receberem livros estrangeiros. Albino Lapa cita, entre outras vítimas de Manique: o duque de Lafões, Elmano, André da Ponte Quental, Francisco Inácio Cid de Melo e Castro, padre Lucas de Campo, José Agostinho de Macedo, o cirurgião Simão Gomes, o bacharel António José Ferreira Nobrega e Francisco Simões Magalhães.

O estudo prossegue, com interessantes subsídios, chegando até nossos dias.

APENAS
2.407\$20
NICE
PAA
PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA

Dirija-se ao seu Agente de Viagens
ou a Pan American World Airways
Praça das Restauradoras, 46-Lisboa

APENAS
3.210\$60
ROMA
PAA
PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA

Dirija-se ao seu Agente de Viagens
ou a Pan American World Airways
Praça das Restauradoras, 46-Lisboa

Um cortiço de abelhas

Num favo de mel, como num sonho dourado, está o prazer de viver, sem uma tristeza ou uma ligeira nuvem.

Quando o Sol nasce, numa nevada e friorenta manhã de Inverno, nós temos a impressão de que a vida, como as flores de papel, se recorta à tesoura.

Todas as crianças buscam resolver, com os dedos impacientes, os problemas que as preocupam, antes de se servirem da razão.

Nas primeiras orações que dirigimos a Deus, fazemos do Infinito um pomar e uma estrada lisa e florida.

Os momentos de verdadeira satisfação em que nos sentimos livres como as aves, em pleno azul, são os que vivemos, pensando no que não existe, a não ser na nossa imaginação.

Todos os povos são felizes, enquanto não pensam nas batalhas que perderam ou nos seus planos de conquista.

A única batalha que Alexandre não venceu foi a que sustentou contra si próprio, não nas planícies da Gaugamela, mas no seu orgulhoso coração.

No Bem ou no Mal, mas mais no Mal do que no Bem, por grande que seja o nosso orgulho, andamos expostos às tentações, que ameaçam a fragilidade dos nossos desejos.

As mulheres são para o homem a fraqueza que os domina e o mistério que os encanta.

A felicidade é muitas vezes a liberdade de possuir o bem que não nos faz falta.

A sombra deliciosa do Amor, floriram, por igual, as virtudes e os vícios, as pai-

xões que nos absolvem dos nossos erros e as misérias que nos fazem escravos das nossas cegas ambições.

A traição, em certas almas vis, é um fruto tão natural e espontâneo como a erva ruim que nasce na sepultura rasa dos condenados.

Ninguém vive do que roubou, por mais tempo do que o necessário para arrependê-lo.

Quase todos os heresiarcas têm em vista descobrir um caminho mais curto para alcançar um despendeado mais alto.

Quando as estradas se tornam impensáveis e nós temos pressa, o melhor caminho a seguir vem a ser este—sentar-se à sombra de uma copada árvore. Cada folha que dela cair marcará o êxito da nossa paciência.

Quando aparece uma nova doutrina salvadora, os homens que a hão-de pregar dizem consigo:

—O que é a Verdade? Um pão que se come e nos alimenta ou o amargo fruto da Árvore do Bem e do Mal?...

Para conter um inimigo que esbraveja contra nós, desentoadamente, nada há de melhor do que ouvi-lo com atenção e segui-lo, passo a passo, até que ele fique mudo e esmagado.

Nunca atires ao ar o teu dinheiro, de modo que seja visto e apetecido pela turba, que assim não das lustre ao teu nome, mas uma sombra maior que a tua vaidade.

Não corras depressa, na hora em que a tua consciência te pergunta:

—Não receias escorregar e cair, mortalmente?...

GLAUCIAS

O Governo de Teerão fará depois de amanhã uma declaração importante

TEERÃO, 29.—O jornal oficial «Dad» anuncia que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Abdollá Entezam, fará no sábado ao meio-dia (local) uma declaração importante à Imprensa. Crê-se que apresentará a resposta do Governo ao discurso de Eden, nos Comuns, a respeito do Irão.

Anuncia-se, por outro lado, que, salvo contra-ordem, o julgamento do dr. Mossadegh começará na próxima semana. Os observadores pensam que o Governo deseja obter um êxito de prestígio antes do julgamento começar, a fim de neutralizar a influência que possam ter no país os partidários do antigo presidente do Conselho. Sem pensarem que as negociações irano-americano-britânicas estejam suficientemente adiantadas para que Entezam anuncie, no sábado, a solução do caso do petróleo e o restabelecimento das relações diplomáticas com a Grã-Bretanha, calculam geralmente que a declaração do ministro conterá elementos construtivos favoráveis a um franco desanuviamento da situação.—(F. P.).

O dr. Teotónio Pereira apresentou hoje credenciais à rainha Isabel II

LONDRES, 29.—A rainha Isabel II recebeu esta manhã, no palácio de Buckingham, com o cerimonial da praça, o novo embaixador de Portugal na Grã-Bretanha, dr. Teotónio Pereira, que lhe apresentou as suas cartas credenciais. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Anthony Eden, assistiu a cerimónia. Finda a audiência oficial, a soberana conversou com o novo representante de Portugal.—(F. P.).

Casquilho Faria, L. da

Compra Venda e Administração de Propriedades
R. VICTOR CORDON, 1—LISBOA
TELEFONE 28715



BERTA SINGERMANN

volta a Lisboa, após dois anos de ausência

Berta Singerman — a maior declamadora do Mundo! — volta ao São Luiz, nas tardes de 4 e 7 do próximo mês. Todos se recordam do êxito que alcançou em 1951, no mesmo palco onde agora vai apresentar-se, com seis recitais que se efectuaram sempre com lotações esgotadas.

Berta Singerman regressa no apogeu da sua arte e da sua carreira. Durante estes dois anos, percorreu as Américas em «turnês» triunfais. Agora, seguindo o que nela já é uma tradição, iniciará no nosso País a sua peregrinação de beleza pela Europa. Berta Singerman vai apresentar-nos as suas novas criações. E, assim, no primeiro programa, a par de «La Cogida y la Muerte de Ignacio Sanchez Mejias», de Frederico Garcia Lorca — e que foi o maior êxito da temporada de 1951 em Lisboa — a genial artista dará a conhecer nada menos do que nove interpretações poéticas que o nosso público desconhece, entre as quais o «Canto dos Cantos de Salomão», que o público das Américas exigiu sempre em todos os programas como um dos mais altos momentos de beleza de todos os tempos!

Berta Singerman, no São Luiz — eis o primeiro grande acontecimento da temporada!

Uma exposição documental da actividade de cinco anos da Juventude Musical

Esta tarde, no segundo andar do prédio 80 da Rua Garrett, onde está instalada a sede da Juventude Musical Portuguesa, abriu uma interessante exposição documental sobre as actividades daquele moço organismo, não só no que se refere ao nosso País, mas na sua vasta projecção no Mundo. Vale a pena, realmente, fazer uma resenha desta exposição que deve ser inaugurada pelo chefe do distrito ou por quem o represente.

Organizada, há cinco anos, sob a égide do mestre Viana da Mota, a Juventude Musical propunha-se, entre nós, como lá fora, publicar obras de carácter musical, reunir documentação sobre a música, estudar os problemas que lhe dizem respeito, divulgar trabalhos e trabalhos, através de concertos, conferências e congressos.

Os gráficos, inteligentemente organizados e hoje trazidos a público, postos com muito bom gosto diante da compreensão de todos, dizem-nos que as J. M. P. reúnem em todo o Mundo 310 mil jovens—muitos do continente africano—sendo daqueles cerca de 4 mil os Portugueses.

Muitas fotografias documentam as actividades em Portugal, sobretudo do congresso aqui realizado em 1951 e que, tal como o de Haia, em 1949, o de Viena, em 1950, o de Genebra, em 1952, e o do Luxemburgo, em 1953, reuniu muitas centenas, senão milhares de jovens.

Hoje—assim nos dizem os mesmos gráficos—há em Portugal uma sede e uma delegação da J. M. P. em Lisboa e no Porto, estando em organização as de Santarém, Covilhã, Castelo Branco, Aveiro e Braga. Outros gráficos dão-nos esta nota curiosa: os sócios da J. M. P. recrutam-se, em primeiro lugar, entre os estudantes de Medicina, seguidos dos de Belas-Artes; os menos representados são os da Escola Veterinária e da Escola do Exército, o que, aliás, em relação a esta última, não admira por se tratar de um externato.

E também interessante registar que, no mês corrente, se inscreveram 300 novos sócios neste jovem e bulhoso organismo, cujas principais actividades foram, nestes cinco anos, a divulgação de boa música, através de sessões fonográficas e conferências, seguindo-se, na sua ordem de importância numérica, as audições, com apresentação, em estreia, no nosso País, de obras nacionais e estrangeiras, representando todas as correntes do pensamento e do estilo musicais.

Hoje—esta é outra imagem interessante que se colhe numa rápida visita a esta exposição—a J. M. P. dispõe já de uma pequena biblioteca, com as suas colecções de música, literatura, arte e filosofia, contando, nas suas estantes, a vasta bibliografia, editada pelas J. M. de todo o Mundo.

D. A. FITZGERALD

Vindo de Madrid, onde esteve a tratar de assuntos relativos à segurança militar, chegou esta manhã, a Lisboa, o sr. dr. D. A. Fitzgerald, director adjunto das operações para o exterior, nas regiões da Europa, Africa, Asia e América do Sul, da Administração das Operações Estratégicas (antiga Agência de Segurança Mutua).

De tarde, irá apresentar cumprimentos ao sr. ministro do Ultramar, acompanhado do dr. James Minotto, regressando à noite, aos Estados Unidos.

Cinco novos cardeais receberam o barrete vermelho

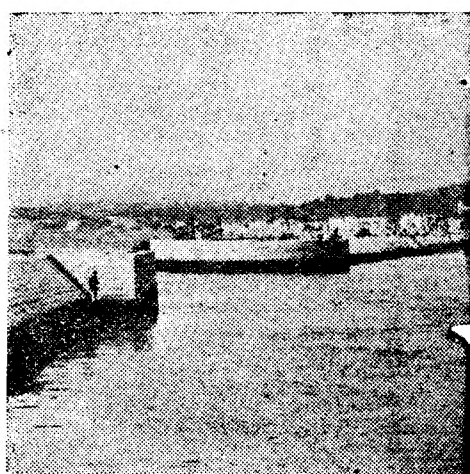
CASTEL GANDOLFO, 29.—Pio XII procedeu esta manhã à imposição do barrete vermelho aos cinco cardeais que não puderam assistir à cerimónia solene da imposição anterior e que são o arcebispo Benjamim de Arribas y Castro, de Tarragona; o arcebispo Fernando Quiroga y Palacios, de Santiago de Compostela e os italianos Angelo Giuseppe Roncalli, Gaetano Cigognani e Pietro Ciriaci, anteriormente nuncios em França, Espanha e Portugal. Assistiram o cardeal Tisserant, decano do Sacro Colégio e os embaixadores da França, de Portugal e de Espanha, além de vários bispos e membros das famílias dos novos purpurados.—(F. P.).

Novo administrador do 1.º bairro de Lisboa

Esta tarde, no gabinete do sr. governador civil, tomou posse do cargo de administrador do 1.º bairro administrativo de Lisboa o sr. dr. José Maria de Albuquerque Dias Saraiva, que, até há pouco, exerceu o cargo de secretário da Câmara Municipal de Cascais.

Falaram no acto o sr. dr. Mário Madeira e o empossado.

Café
PALLADIUM
Amanhã - Sexta feira
Bacalhau à Palladium



A nova doca de Pedrouços já está a funcionar

Há coisa de dois meses que entrou de funcionar a nova doca de Pedrouços. Quando a pensaram, disseram que seria para barcos de pesca. Mas, depois, atendendo à elegância da zona, que é turística, não faltou quem afofasse que ali o que ficava bem era uma doca de barcos de recreio. Tudo, entretanto, se foi fazendo como os riscos iniciais mandam. E a doca ali está já a funcionar, não para recreio mas para pesca ao serviço de centenas de humildes e respeitáveis trabalhadores do mar.

Custou a doca—480 metros por 140, ou seja, uma área de 6,70 hectares e a profundidade de 6 metros abaixo do zero hidrográfico—92 mil contos. Fala-lhe, porém, ainda muita coisa: além das futuras instalações para a recepção e distribuição do pescado—hoje a funcionar em Santos e na Ribeira Nova—com edifícios da loja, fábrica de gelo, frigorífico, armazém e apertos marítimos, depósito de caixotaria e edifício para os negociantes e expedidores do pescado, banco, correios, telegrafos e escritórios da Administração do Porto de Lisboa—alta, desde já, preparar o terreno que foi ali terraplenado. Vem aí as chuvas. E

Obras da cidade

Nos Paços do Concelho efectua-se no dia 11 do próximo mês, às 15 horas, o concurso para a empreitada de terraplenagem, esgotos e vedações dos arruamentos interiores do novo matadouro municipal de Lisboa, 3.ª fase, sendo a base de licitação de 2.998.677\$50. Os concorrentes a esta obra têm de fazer o depósito provisório de 74.966\$50, até à véspera do concurso.

No dia 18 do próximo mês, às 15 horas, haverá nos Paços do Concelho o concurso para os trabalhos de instalação eléctrica da capela, arruamento de acesso, alimentação das instalações existentes no dormitório, refeitório, sala de espera e oficinas do cemitério do Alto de S. oão, sendo a base de licitação de 71.025\$00.

No próximo dia 9 de Dezembro, às 15 horas, nos Paços do Concelho, são abertas as propostas para a empreitada de construção do Mercado do Forno de Tejo, cujas obras estão orçadas em 9.719.000\$00. Os concorrentes devem fazer o depósito provisório, até à véspera do concurso, de 242.975\$00.

VIDA ARTÍSTICA

A exposição do grupo dos Artistas Portugueses

Constituiu um notável êxito a magnífica exposição de óleo, aguarelas e escultura, do grupo dos Artistas Portugueses, que, há dias foi inaugurada na Sociedade de Belas Artes. O certame tem sido muito visitado.



MONIZ TRINDADE

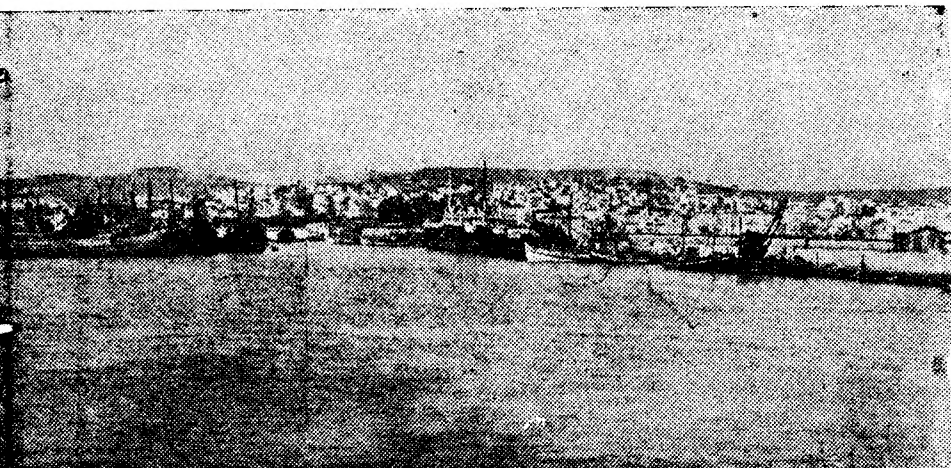
pianista português. Pedreira, e o grande

que, com a sua arte e comunicativa alegre, desta luxuosa

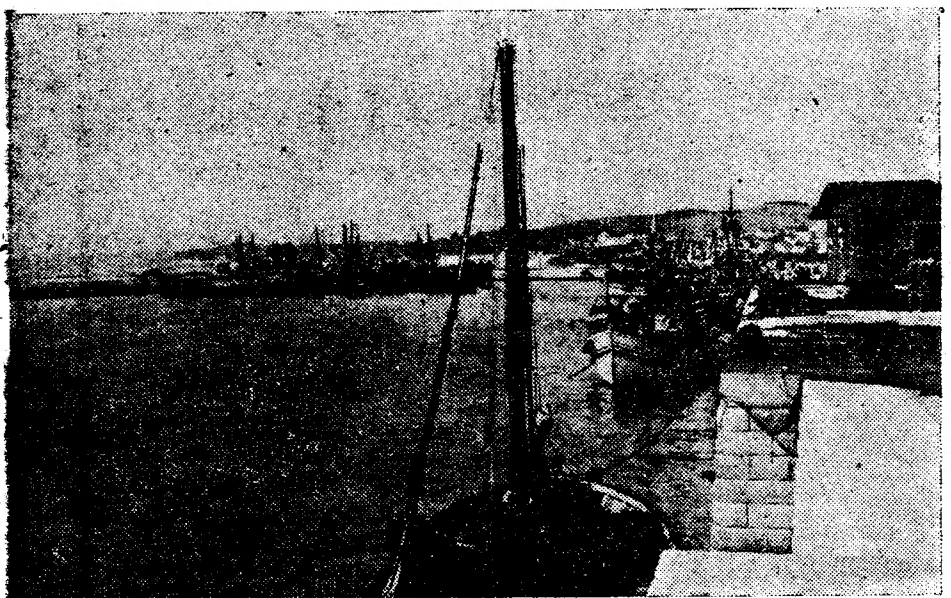
NE
RE
Apres

Moniz
voz de

xeira,
pianista português. Pedreira, e o grande



Um aspecto geral da nova doca, com algumas embarcações acostadas



Fragatas acostadas a um cais da nova doca

Já há dias, com as primeiras que empenharam as terras, tudo aquilo ficou em lamaçal quase intransponível, onde a gente do mar se atarraxou, quando quis correr em socorro dos barcos abrigados.

Hoje, também ali estivemos a ver e a ouvir o que se passava. Homens da pesca vão esdendo ao Sol criador as redes que acabam de sair do seu banho de alcatrão e vão seguir para as feiras da sardinha, ali pelas bandas da costa até à Figueira. Perguntámo-nos se estavam contentes com a nova doca. Os mais velhos abanaram a cabeça e apontam a entrada da doca:

—Vê-a, virada ao Sul? Quando os vendavais carregam, as águas vivas entram por ali dentro que ninguém aqui pára. A rebentação é tão grande, que isto não é um abrigo. Parece uma rede de armar aos barcos, empurrados uns contra os outros e contra o cais a pique. Ali, no Bom Sucesso, onde vivíamos em paz, as paredes eram todas em rampa suave. Se havia que saltar para os barcos, marinhas-se, como eles marinhavam, os mais pequenos. Aqui, puseram uma escadinha de ferro e outra

de pedra que já provaram ser de má serventia.

—Mas, isto há-de ter remédio...

—Há-de ter. Já ouvimos dizer que querem abrir agora a entrada da doca para Leste. Lá é que devia ser feita. Os srs. engenheiros quiseram evitar os lodos, mas estes são menos difíceis de combater do que as marés e as fortes rebentações da água. Também já ouvimos dizer que ali, a entrada da doca, porão blocos de cimento, onde a vaga vá quebrar, antes de entrar aqui... Em Matosinhos é assim. Qualquer coisa há-de fazer, isso é que há-de, com certeza, senão, os barcos pequenos correm o risco de ser esmagados pelos grandes ou contra o cais...

Hoje, o dia esteve sereno de ventos. Olhámos o interior da doca, onde balouçam, mais do que se suporia habitual, pequenas chatas e botes. O rectângulo não está lá muito movimentado, principalmente de barcos de pequeno porte. Preferiram ir abrigar-se a Paço de Arcos, a Cascais e à Ribeira. Ali, a bem dizer, o que hoje e quase sempre há mais, é barcos de maior tonelagem, alguns com um ar triste e abandonado, dando à doca angulos de quadro de escaeiros e depósito de sucatas. Barcos de carga, de 3 a 10 mil toneladas estão muito chegados ao cais. Vistos de longe, parecem «plantados» na nova terra conquistada ao leito do Tejo. O de porte mais elevado, porém, é o «Rheas», panamáno de nacionalidade. Dizem que está ali para venda e aguarda o seu destino. Os homens que entram e saem na nova doca de Pedrouços também esperam—a esperança ardente de confiança e dúvida que é o destino permanente dos homens do mar.

HÁ 30 ANOS

História de Portugal

O «Diário de Lisboa» de 29 de Outubro de 1923 publicava uma carta que João Bonança escrevera a Albano Coutinho e na qual expunha o plano de uma História de Portugal: «Trabalho há oito anos para escrever uma História de Portugal que determine clara e cientificamente as origens da nacionalidade e os direitos da sua existência. Tenho pronto o 1.º volume que intitulo os Seltos, e não Celtas, que é ortografia grega e não a dos monumentos ibero-lusitanos. A língua portuguesa e a espanhola existiam antes da vinda dos romanos, e não são, portanto, filhas do latim. E a língua lusitana falava-se numa região muito mais larga do que a ocupada pelo moderno Portugal. É necessário desprezar os trabalhos sobre «os moldes autónomos de Espanha ou celtibéricos» e fazer outros novos».

ANNA MARAVILHAS

Participa que faz a passagem de Colecção «Pontique» NO DIA 5 DE NOVEMBRO

R. Marquez da Fronteira, 117, 3.º

Telefone 47412

Está reunida em Lisboa a comissão executiva da Federação Internacional de Zootécnia

Efectuou-se hoje, às 10 e 30, na biblioteca da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários, a primeira reunião da comissão executiva da Federação Internacional Veterinária de Zootécnia.

A sessão foi presidida e aberta pelo sr. dr. Arménio França e Silva, director-geral dos Serviços Pecuários que, em nome do departamento que dirige, apresentou cumprimentos aos representantes belga e espanhol, respectivamente, srs. drs. Du Vuyst, presidente da F. I. V. Z., e Carlos Luis Cuenca e Pedro Carda.

O sr. Du Vuyst agradeceu as palavras do presidente, fazendo votos para que os trabalhos das sessões decorram de modo a se obterem os resultados previstos. Em seguida, o dr. Du Vuyst, que é professor da Universidade Católica de Lovaina, dissertou largamente sobre os diversos problemas de zootécnia do seu país, referindo-se, especialmente, à alimentação dos animais e aos interessantes problemas da fecundação artificial.

Usou, depois, da palavra o dr. Pedro Carda—que exerce o cargo de inspector do Serviço de Saúde Veterinária de Espanha—que falou sobre assuntos relacionados com o organismo de que faz parte, versando especialmente, os problemas de fecundação e tratamento de animais.

Os trabalhos prosseguiram depois, sendo então tratados diversos assuntos relacionados com a administração e organização interna da F. I. V. Z.

Estiveram também presentes na reunião, além do delegado português, dr. Mário Moraes, presidente da comissão internacional da F. I. V. Z., alguns médicos veterinários portugueses.

Hoje, à noite, na Escola Superior de Medicina Veterinária, o dr. Du Vuyst pronunciará uma palestra subordinada ao tema «Ciclo de preços dos porcos na plano internacional». Deverá presidir ao acto o subsecretário de Estado da Agricultura.

Amanhã, a comissão visitará os arredores de Lisboa, devendo realizar-se às 18 horas, na Escola Superior de Medicina Veterinária, uma conferência do sr. dr. Joaquim da Silva Portugal, que versará o tema «Bovinos do tipo leiteiro nas regiões minifundiárias».

A noite, num hotel do centro, haverá um banquete em honra dos delegados estrangeiros.

EM 3 LINHAS

O sr. Emilio Pujal vai reger um curso especial de guitarra hispanica no Conservatório Nacional.

///

A Lutuosa do Ministério das Colónias foi autorizada a usar de futuro a denominação de «Associação de Previdência do Ministério do Ultramar».

///

Estão abertos concursos para o provimento de seis lugares no Hospital Escolar de Santa Marta (três de clínica cirúrgica e três de clínica médica).

///

O Fundo de Renovação e de Apetrechamento da Indústria da Pesca foi autorizado a emitir a obrigação geral representativa da 1.ª série do empréstimo de renovação e de apetrechamento da indústria da pesca, na importância de 50.000 contos.

///

As contas publicas dos meses de Janeiro a Agosto assinalam um excesso das receitas sobre as despesas orçamentais de 812.634.886332.

///

Nos próximos dias 1, 2 e 3 de Novembro efectua-se o pedimento anual a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro.

///

Lembrança aos esquecidos: termina depois de amanhã o prazo para o pagamento da 4.ª prestação trimestral da Contribuição predial, industrial e imposto profissional, incluindo o dos assalariados e de profissão liberal.

Regressou a Londres

o marechal Stevens

Esta manhã, regressou a Londres, de avião, o marechal do ar Stevens, comandante das Forças Aéreas «Saclant» e do Comando Costeiro da R. A. F., que ontem chegara ao nosso País, a fim de tomar contacto com assuntos da sua especialidade e conferenciar com o sr. ministro da Defesa.

Apresentaram-lhe cumprimentos de despedida os srs. ministro da Defesa Nacional, major Leote Cavaco, em representação do chefe do Estado Maior das Forças Armadas, general Botelho Moniz, secretário adjunto da Defesa Nacional, e generais Costa Macedo e Frederico Costa, respectivamente, chefe e sub-chefe do Estado Maior das Forças Armadas, etc.

Está resolvido o problema da entrada de livros portugueses no mercado brasileiro

O Grémio dos Editores e Livreiros enviou-nos, hoje, uma nota, anunciando que o Brasil já permitia a importação de traduções portuguesas, conforme determinação inserta no «Diário Oficial» de 15 do corrente. Isto significa—acrescentava a informação—que os consulados do Brasil e de Portugal já legalizam a respectiva documentação.

Procurando ampliar esta informação, que coloca em pé de igualdade a troca de originais e traduções em português, publicados nos dois países, foi-nos dito que, ao contrário do que chegara a ser anunciado, o Senado, em Agosto findo, não aprovara qualquer diploma, relativo à entrada de traduções portuguesas no Brasil.

Foi, agora, a intervenção pessoal do embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, sr. dr. António Faria, que sugeriu, para solução do problema, caldo em ponto morto, o acrescentamento de uma pequena frase ao texto do diploma anterior. E, assim, surgiu, a seguir a referência aos textos originais de autores portugueses, editados em Portugal e escritos em português—a fórmula—«ou traduções de autores estrangeiros em língua vernácula».

Desde Agosto que os editores portugueses aguardavam que os consulados legalizassem facturas referentes a traduções, no valor de 19 mil contos anuais (incluindo, nesta verba, claro, o valor dos próprios originais portugueses).

Essa autorização não chegava, porém; perder-se a quota referente a Setembro e Outubro; perder-se, mesmo, muita esperança—até que, há uma semana, Oswaldo Aranha, novo ministro das Finanças, instituiu no Brasil o regime dos chamados leilões de cambiais de exportação. Esta medida culminou as últimas decisões do Governo brasileiro, a que não foi estranha, diga-se por justiça, a acção pertinaz, inteligente e carinhosa do consul-geral do Brasil em Lisboa, sr.ª D. Odette de Carvalho e Sousa.

O chamado «dólar-convenção» vai agora pesar na entrada dos nossos livros no Brasil. E refira-se, de passagem, que com certo peso específico. E' que os livros estão incluídos no primeiro dos cinco grupos da importação brasileira.

Anteriormente a este sistema, o valor da cotação oficial do dólar era de 18 cruzeiros; hoje, nos leilões diários que estão a fazer-se no Brasil, relativamente a Portugal, essas cotações sobem a 35 cruzeiros—o que, evidentemente, eleva o preço dos livros a um preço bastante incompatível com as possibilidades da sua divulgação.

Isto, aliás, em ultima análise, significa: quanto mais comparmos ao Brasil, mais livros poderemos vender-lhe. Trinta mil contos de açúcar ali adquirido, o comércio de algodão que vamos intensificar, tudo isso ajudará a resolver a situação dos nossos livreiros, pois, até agora, os livros portugueses pagos ao Banco do Brasil não chegam a beneficiar o nosso comércio editorial—e, portanto, os nossos autores—uma vez que o dinheiro fica depositado, á espera que o Banco de Portugal forneça cambiais áquele banco emissor brasileiro.

Segundo, também, nos informam, o Grémio vai propor que haja sempre, em cada estabelecimento, uma mostra com livros brasileiros, durante uma semana. Para começar, a União Gráfica apresentará a sua semana de livros brasileiros, e grande numero de traduções na sua mostra, que aparecerá decorada com fotografias e uma bandeira brasileira cedidas pela sr.ª consul do Brasil que irá amanhã, às 15 e 30, áquela livraria, onde lhe será oferecido um exemplar autografado da «História da Igreja», do sr. padre Miguel de Oliveira, estando presentes o presidente do Grémio e outras individualidades.

EX. MOS NOIVOS:

não esqueçam que as alianças e as prendas da

Grande Ourivesaria da Moda

vos darão as maiores felicidades

RUA DA PRATA 257

GRÊSCO

RESTAURANTE DE LUXO

Em todos os dias o maior êxito da actualidade:

Trindade, extraordinária

em nossa Rádio. Mário Tei-

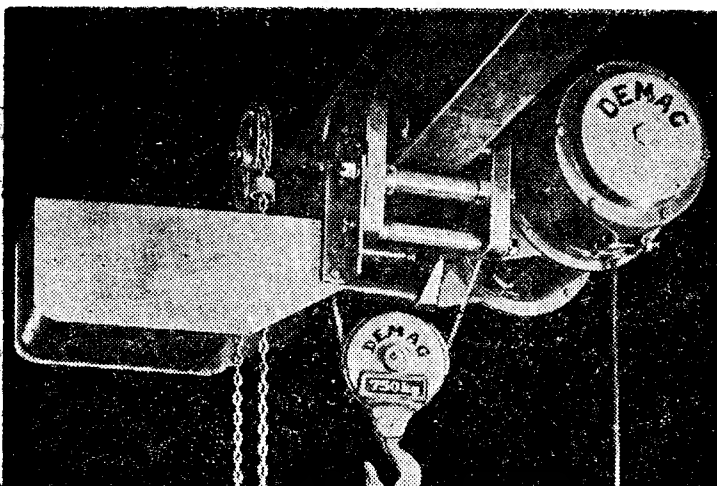
o maior e mais discutido

pho, rei da canção bra-

colista Alfredo Costa

animam todos os dias a hora de dança

Restaurante



DIFERENCIAIS ELÉCTRICOS
DE TODOS OS TIPOS PARA
TODOS OS FINS

DEMAG

ESTUDOS E PROJECTOS EXECUTADOS
POR ENGENHEIRO ESPECIALIZADO
NAS FÁBRICAS DEMAG

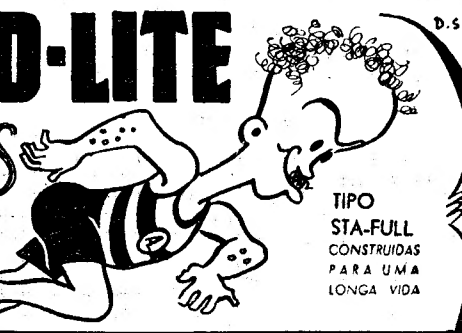
CONSULTE OS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

ROMAR
UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

LISBOA — RUA DA BOA VISTA, 83 — Telf. 6 1527-6 5966
PORTO — RUA SA' DA BANDEIRA, 589 — Telf. 2 5871

AUTO-LITE

BATERIAS



TIPO
STA-FULL
CONSTRUIDAS
PARA UMA
LONGA VIDA

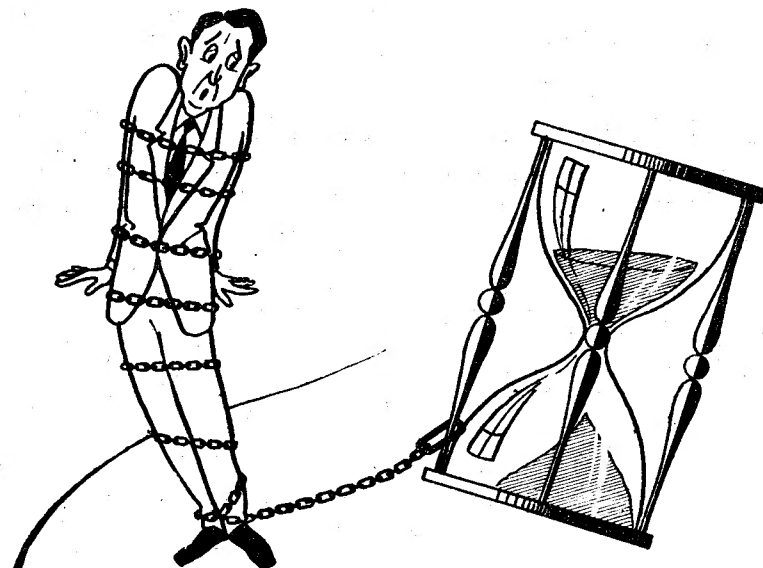
ARRANQUE FACIL, ENERGIA CONSTANTE

SEPARADORES DE FIBRA DE VIDRO
QUANDO A TRABALHAR EM CONDI-
ÇÕES NORMAIS SÓMENTE NECESSITA
DE ÁGUA TRÊS VEZES POR ANO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

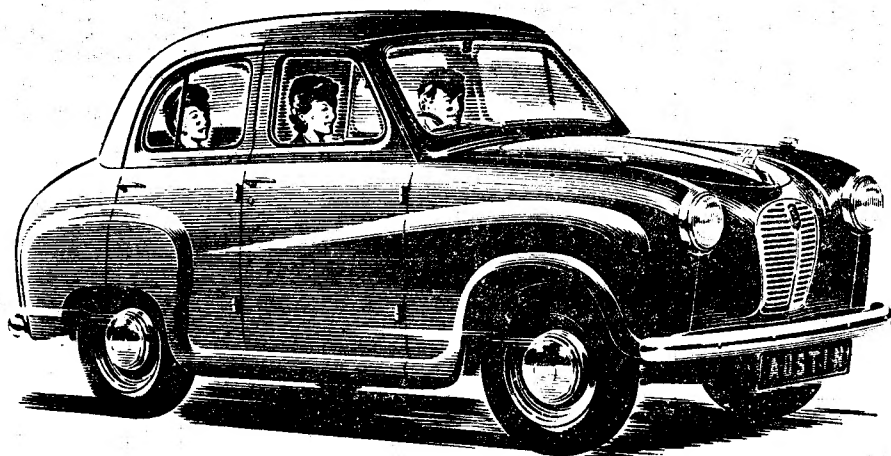
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73 A 79 LISBOA

**LIBERTE-SE DAS CADEIAS
DO TEMPO!!!**



Os minutos contam não os desper-
dice inutilmente, gastando dema-
siado tempo nos percursos para o
seu trabalho

"AUSTIN A 30"
resolver-lhe-á o problema



CANDEEIROS

Apliques e velas, molduras, misu-
las, talha rica, móveis com embutidos,
etc., vende o fabricante — Rua Arco
da Graça, 12, Tel. 29619.

Automóvel

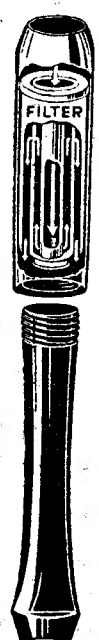
Vende-se um Sunbeam-Talbot-80 em
estado impecável e bem calçado parti-
cular.
Ver e tratar Avenida Guerra Jun-
queiro, 16 A-16 D — Tel. 846010.

Distribuidores Gerais: **J. J. GONÇALVES, SUCRS.**

LISBOA/ÉVORA/PORTO — AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

EQIPE O SEU CARRO COM RADIO «EKO»

Grande notícia para os fumadores



As famosas boquilhas «**ESWECO**» com o fil-
tro tripartido de superduse (patenteado) já se
encontram á venda nas tabacarias.

As boquilhas «**ESWECO**» protegem a saúde
de quem fuma sem alterar o gosto do tabaco.
Não utilizam substancias químicas ou quais-
quer outras. A nicotina é precipitada no filtro
tripartido por expansão e condensação do fumo.

As boquilhas «**ESWECO**», cuja apresentaçã
se pode considerar luxuosa, são vendidas com
ou sem estojo.

Representante da

Esweco

Apartado 360 — Lisboa
T. 61440

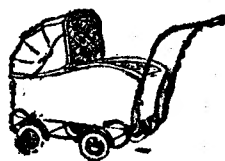
**O MELHOR BRINDE
CUSTA MENOS
E VALE MAIS**



**OS FAMOSOS
ISQUEIROS Benlow**

estão á venda nas tabacarias.
Representante da BENLOW:
Apartado 360 — Lisboa
T. 61440

**Carrinhos para bebés
Cadeiras e Triciclos**



A pronto ou a prestações
J. COSTA & SILVA, L.^{DA}
RUA ARCO DO BANDEIRA 79, 1.^º
(só no 1.^º andar)
Telef. 26713 LISBOA
ATENDE-SE A PROVINCIA

Leia o SEMPRE FIXE

HERMES Baby



*A máquina que revolu-
cionou a arte da escrita
colocando a dactilografia
ao alcance de todos.*

Representante: M. Simões Jr.
R. da Prata, 63, Telf. 30306 - Lisboa
R. de St.º António, 208, T. 25582-Porto

Aspectos económicos da vida rural portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

da agricultura não têm, por certo, a acuidade das outras regiões, como a transmontana ou a alentejana, mas, para um espírito como o meu, sempre solícito às dores alheias e às suas prementes ansiedades, o exemplo deve ser suficiente para dele extrair algumas conclusões sérias, despidas de tecnicismos, mas preñes de humana solidariedade.

A minha clientela é noventa por cento rural; é esta que procura os tribunais para dirimir as suas divergências patrimoniais ou responder em processos-crimes que, por aqui, se não revestem da gravidade de outras comarcas nacionais. A gente é boa, de rancores passageiros, assimada na defesa do palmito de terra, da regueira ou do poço de água nativa, mas de fácil moderação perante a chamada, com palavras persuasivas, para o terreno da equidade ou da justiça. Pelo escritório passam, diariamente, casos significativos em que, geralmente, a bondade e o bom senso comandam a actividade sensorial do camponês. Excepções, há-as como em toda a parte, mas a regra geral depõe a favor de um natural pendor para a compreensão fraterna, para a obediência e para o acatamento da lei escrita ou das regras morais de fácil compreensão. Nas relações familiares é predominante o respeito da mulher pelo marido e vice-versa, o amor dos pais pelos filhos e certa solidariedade do lar nas inclemências do destino quando ele, com a doença ou com a penúria, transtorna o casal, faz crescer na casinha humilde a dúvida ou as ansiedades pelo presente e pelo futuro. A par disso uma entrega total ao trabalho e nessa gesta, por vezes heroica, é extraordinário o esforço do homem e da mulher, excedendo-se nas suas energias, cavando e arroteando a terra, regando-a, amovívelmente, e embelzando-a com as suas noções instintivas dum esteticismo, tão mal expresso nas telas desfalecidas dos nossos artistas naturalistas. A terra é o seu destino: dentro dela nasceram, recebendo desde a infância o sortilégio mágico da sua decisiva influência; a ela se votam com paixão desmedida, exigindo milagres que a sua pobreza não consente; revolvem-na com denodo e é com olhos mortuosos ou desanimados que procuram no céu as chuvas benditas ou no fundo do poço a água que percorrem, triunfalmente, as artérias gastas das semeaduras. É um quadro elegiaco e forte; elegiaco na sua beleza perene, mas forte na luta desigual entre o suor e os músculos e as negações da má natureza. Para que ela, a terra, lhes dê o pão de cada dia—pão duro que amortalha um pedaço de toucinho ou uma sardinha enegrecida—é mister uma persistência, uma fé e uma renúncia à vida que atinge as culminâncias do sofrimento, nunca compensado pelos resultados materiais. Não há nada que se compare a este obstinado e desproporcionado torneio de armas desiguais. É preciso conhecer esta gente para a admirar e sentir por ela uma comovedora solidariedade. Ouvi-los nos seus entusiasmos, acompanhá-los nas suas tristezas e nos seus lamentos, perscrutar-lhes a alma nas suas ambições desfeitas ou nas suas ilusórias vitórias, é um permanente e útil treino para os que sentem, no coração e na inteligência, o veemente desejo de contribuir pela melhoria de uma vida que, por vezes, se estiola de encontro ao muro tartárico da descrença ou do egoísmo dos grandes responsáveis.

Eu sei, também, porque a comarca abrange certas áreas importantes de actividade industrial, quais os problemas do nosso proletariado, como também sei as angustiosas perspectivas do empregado de balcão ou de escritório, que por aqui arrastam a complexidade dos seus destinos. Mas nada há que se compare à existência atribulada da gente do campo, sujeita a mil e um contratempos, dominada e governada por circunstâncias ambientais, que não têm parelhas com outros trabalhos. É uma espécie à parte, bem à parte, na dura e inclemente labuta do dia a dia.

Eu queria que os nossos romancistas—e abro aqui uma excepção para essa formosa consciência que é Fernando Namora—mergulhassem as raízes do seu ser e as possibilidades multiformes dos seus talentos na interpretação artística destas ansiedades e destas dores que só a sua pena seria capaz de descrever e exaltar; eu queria que os nossos economistas agrários—e abro de novo excepções para um Natavidade, um Henrique de Barros ou um Azevedo Gomes—se entregassem totalmente ao estudo das condições de vida da nossa população rural e procurassem alinhar soluções humanas para a abolição de certo feudalismo que campeia infrene; eu queria que os nossos juristas, tantas vezes afastados das realidades, legislando para esta gente se escudassem na experiência e na lição dos verdadeiros mestres da coisa campestre; eu queria, até, que os poetas, por vezes, enlevados na nebulosa das suas inspirações mal expressas, contassem a odisséia do jornaleiro, os sacrifícios das mães, a pobreza dos lares ou as desilusões cíclicas dos penhascos, donde se extrai o alimento dos ventres insaciáveis das cidades; eu queria, finalmente, que a política do nosso País se não esquecesse que o campo é a expressão mais valiosa e útil de todo o nosso progresso e do nosso futuro.

Nunca se criou, entre nós, um «espírito colonial», tão indispensável à felicidade da grei, como ainda se não criou um «espírito rural», sem o qual faleceria de inanição todas as pretensões de uma vida melhor. Não precisamos, efectivamente, de um Portugal maior, mas sim de um Portugal melhor e para a construção deste torna-se inadiável a criação desse «espírito rural», actante, dinâmico, desembaraçado, solícito e dádivo. Acontece, até, que ascendendo às cadeiras do poder os filhos da gleba, de tradições familiares agarradas à terra, breve se esquecem da sua origem, enlevados nos

triumfos passageiros da politiquice e distantes do recanto onde viram a luz do dia e onde seus maiores deixaram, desfeitas no pó, todas as forças empolgantes de uma existência incompreendida.

É a criação desse «espírito rural» tem que começar pela enunciação de alguns problemas essenciais à vida e à civilização dos nossos campos. Estas achegas de um advogado da província, sem terras para cultivar e vivendo, exclusivamente, da sua profissão, terão, no entanto, o valor relativo de um depoimento a que falta o conhecimento vivido, hora a hora, momento a momento, mas onde palpita a dignidade de uma tarefa—contribuir com o que se pode e sabe para a defesa de uma causa justa e clamorosa.

★
O trabalho rural não tem regulamentação. Trabalha-se em regime de medievalismo, sol a sol, sujeito às intempéries, aos calores sufocantes e aos frios enregeladores; sob a direcção, tantas vezes pretoriana, do dono, pretende-se arrancar da terra gasta ou ressequida o milagre da produção; não se conta com outros elementos e não se o suor, a energia sobre-humana e os favores da natureza. O esforço humano não encontra aqui a sincronização de um

Os nossos contos

(Continuação da 6.ª página)

plia ao contacto das chibatadas do vento agreste. Esperava o Sol? Nem sei o que esperava. Que ele se cansasse... Que se afastasse, fosse procurar outra vítima. Então eu liberta do anel dos seus caprichos monstruosos, seria novo eu. Lusa! Partir... Agora já não sou eu. Jamais o sei. Secou-se-me a alma, de tanto chorar, de tanto sofrer. Olho a Humanidade com desdém, friamente, sem resquícios de emoção. Descrente. Não acredito no sentimento, na ternura, no amor... Tudo palavras vãs, só palavras. Meios para alcançar fins. E o fim dele era destruir-me, condenar-me ao ostracismo, arrancar de mim tudo quanto de bom Deus me dera. Senhor, Senhor, perdoai-me! Eu sabia isso e amava esse homem, calava-me, submissa. Amava-o com ódio? Talvez. Mas aceitava-o, ouvia-o, não lhe lançava em rosto a bofetada fria do meu despreso. Pois não...

JUNHO, 8:—Não! Não lhe lancei na cara o meu despreso, até ao dia em que foi ele próprio quem veio ao encontro desse despreso... Cinco. Que queria mais? A minha alma! Recuei. E foi a gargalhada que encheu a minha boca convulsa que o fez parar, atónico. Não, não e não, ri eu nervosamente. Lá ao fundo das órbitas dele, estavam massas límpidas, verdes... Não recobrou logo o habitual sangüífero que o caracteriza. Levou um tempo a refazer-se.

Depois, ergueu os braços, ameaçou mudamente. Nem perante a ameaça me senti vacilar. Dentro de mim, uma voz salvadora segredava-me: «Sê forte, sê forte». Continuei a rir. Pois que, disse, ainda queres mais de mim? Não, não e não... Ele torcia os dedos. Untoso, perguntou de súbito: «Já não me amas?» Continuei a rir. E ele: «Sim, já não me amas como antigamente... Vou-me embora... Não posso aceitar um amor diminuído... A ra a minha boca que ria? Eu continuava a rir, a ouvir dentro da alma a voz salvadora: «Sê forte». Tanto cinismo, porém, começava a irritar-me. Despertava enfim desse terrível sonho que quase me fizera sossoar. O homem de olhos pálidos com fundos límpidos, estendeu-me as mãos, como garra prestes a estrangular. Deixei de rir...

JUNHO, 24:—Ele ainda conseguia dominar-me? Pensei rapidamente. Mas, a força que eu sentia e aquelas asas abertas que planavam sobre a minha cabeça? Brancas. Ergui os olhos, suplicantes. Não para ele, para essa pobre figura de arlequim já gasto. Desci os olhos. Vi-o. Gelei. Que pudera eu amar naquele homem? Apetecia-me ainda rir, rir, rir até que as lágrimas brotassem, impetuosas, saltassem em

luz, em que a coisa se prepara e aparece feita, mero facto efectiva e produtiva tarefa da maquinaria ou do progresso da ciência; o braço, a enxada, a foice, o ancinho e seus irmãos siameses—eis os elementos a contar para o crescimento das sementeiras ou para a apanha dos frutos. E bem uma odisséia em que os homens, como nós, vêm nascer o Sol, nas madrugadas de esperança, e assistem aos seus crepúsculos na dolorosa expectativa do amanhã. Não há horários de trabalho, nem fiscais pressurosos a impor o cumprimento da lei ou do regulamentamento: trabalha-se em plena concorrência com o clima e com as condições precárias de uma vida desoladoramente vivida.

Para principiar dever-se-ia não esquecer que o trabalhador rural é um ser como todos os outros trabalhadores; tem os mesmos direitos, as mesmas apetências, embora estas, na maior parte das vezes, vivam em angustioso potencial, por carência de instrução e de clarificação das ideias.

Uma legislação promulgada neste sentido deveria atender, não só à moral como à fisiologia. A moral impunha-lhe a obrigação de fazer respeitar o pagamento dos salários que correspondessem ao labor despendido e às vantagens advindas com esse esforço hercúleo; a

fisiologia deveria impor a obrigação de limitar o trabalho às possibilidades humanas e normais dos organismos, não permitindo a sua escravização e a sua caminhada prematura para a doença ou para a incapacidade física. Tal como se desenvolve o trabalho rural é um misto de exploração humana e de energias gastas sem método e sem generosidade. E se esse trabalho diminui o homem, ele submete a mulher a um regime absolutamente incomportável com a sua fisiologia e com a sua psique. Muito se tem escrito sobre o trabalho da mulher nos campos para perder interesse aquilo que pudesse aqui alinhar. Não podemos, no entanto, abandonar esta parte do nosso estudo superficial sem escrever uma palavra de louvor e de solidariedade para as pobres camponesas, criadoras de filhos, donas de casa e jornaleiras de sol a sol que conseguem cumprir a multiplicidade das suas funções com notável espírito de estoicismo. E sempre com profunda tristeza que as vemos passar, pesadas e vencidas antes dos trinta anos, amarguradas pelo infortúnio da sua condição, perdidas prematuramente a mocidade nas exigências do seu lar pobre e na dureza dos labores rurais, em que ela ombreia com o companheiro, sem lhe ficar atrás nos resultados.

Se o trabalho do «homem rural» precisa de ser regulamentado, o que se passa com a «mulher rural» excede a indignação.

Nesta região não abundam os chamados grandes proprietários. A propriedade está dividida em parcelas e cada um, de um modo geral, cultiva o que é seu e é desses «bocaditos» que arrancam o sustento próprio e dos seus. Vida tortuante! Dever-se-ia, num estágio que alcançasse a meta aliciente do cooperativismo, dominante na agricultura nórdica, facilitar o crédito agrícola, combatendo-se a usura e as limitações do crédito bancário. Pequeno proprietário que precise de dinheiro, tem, ou o caminho da hipoteca perigosa ou o empréstimo oneroso; algumas vezes conseguirá as assinaturas exigidas pelos bancos e poucas vezes as condições para o crédito agrícola. Sujeitos às inconstâncias do tempo e dos mercados assistem, desolados, e impotentes, às execuções judiciais, a que se juntam os privilégios das dívidas à Fazenda Nacional. E nos corredores dos tribunais acotovelam-se os cambões das praças, vigilantes e ambiciosos, que alcançam, com a moeda corrente, a compra de pequenos patrimónios, erguidos merced de perseveranças verdadeiramente heróicas.

A par dessa facilidade de créditos, e de humanidade e compreensão no seu pagamento, dever-se-ia, num plano elementar de pedagogia rural, fornecer ao pequeno proprietário e ao trabalhador os elementos técnicos suficientes para um bom aproveitamento da terra. Para tanto, é condenável a petulância das lições magistrais ou o exibicionismo de postizas promessas que não se cumprem. Tudo simples, humano; terra a terra, máquinas que se compreendam e noções de valorização do trabalho que entrem, sem esforço, na inteligência, mal cuidada, mas pronta e solícita dos interessados.

Que melhor rendimento fornecerá um capital assim investido do que este de criar o gosto pelo progresso e cobrir a terra fértil ou sáfara de uma onda de optimismo criador que erga o homem para a luz da ciência experimental e para os resultados palpáveis de uma solidariedade diligente e efectiva?

Também, e sempre a par com esta verdadeira olimpíada de deveres essenciais impõe-se a adopção das regras que permitam aos trabalhadores a posse ou o usufruto de um lar, sem esvaneamentos ou riquezas, mas higiénico e saudável. A construção de pequenas casas, integradas na sua arquitectura, no meio ambiente, deveria ser possível pela activa e desenvolvida actividade de um crédito especial, sem prazos draconianos, nates votados na intenção de permitir, com prestações suaves e de juro módico, a edificação daquilo que é a maior ambição dos que trabalham: Uma casa. Não serão, por enquanto, as cooperativas, aliás entre nós, quase todas ausentes das necessidades rurais, a quem incumbirá totalmente este admirável e indispensável labor. É ao Estado ou à coligação bancária, tal como sucede na Holanda e nos países do Norte da Europa e tal como sucede no Uruguai, como recentemente fomos informados.

Presente-se a alegria de um trabalhador, ao regressar do campo e encontrar a lareira acesa, a cozinha limpa e arejada, os quartos caídos, as arrumações condizentes e o bocado de horta tratado amoravelmente. É um redobrar de energias em contacto com a própria raiz do seu ser. Claro que a educação cívica e as luzes da instrução serão outras tantas colaboradoras para a compreensão dos benefícios. Mas isso já entra de tal forma no património dos povos civilizados que não valerá a pena exaltar o seu significado...

Mal alimentado, sem as calorias cientificamente apuradas pelos laboratórios, a saúde do trabalhador rural é dos maiores problemas para os quais é, também, urgente a nossa compreensão e solidariedade. O problema da higiene comporta em si o da alimentação e este integra-se no valor do salário e da disciplina do trabalhador. Uma série de questões com uma raiz comum, afinal: A melhoria das condições económicas, sociais e espirituais da nossa gente.

VASCO DA GAMA FERNANDES

Faleceu outro ferido do desastre de Ponte de Sor

PONTE DE SOR, 29.—Quando era transportado para Lisboa, faleceu o industrial desta vila sr. José de Matos, uma das pessoas que ficaram feridas quando uma automotora colheu ontem um automóvel na passagem de nível entre Ponte de Sor e a Torre das Vargens.

COLECCAO
MINIATURA

ACABA DE PUBLICAR
O IRMÃO
7.º VOL. DE «JEAN CHRISTOPHE»
POR: **ROMAIN ROLLAND**
12\$50

EDICAO "LIVROS DO BRASIL"

para todos os países



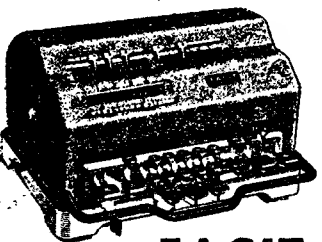
A Holanda — o Jardim da Europa — é famosa pelas suas flores, e exporta bolbos de tulipas para, praticamente, todo o Mundo.

para todos os negócios



Os cultivadores holandeses de flores utilizam as mais modernas máquinas de escritório nas suas enormes organizações — por isso fazem os seus cálculos na FACIT.

para todos os cálculos

**FACIT**

— A máquina de calcular que mais se exporta em todo o Mundo.

A mais pequena calculadora inteiramente automática, toda fabricada em aço suéco. Precisão absoluta nos mais pequenos pormenores. Sistema de 10 teclas de fácil e rápida aprendizagem. Completamente blindada e à prova de ferrugem e de erros.

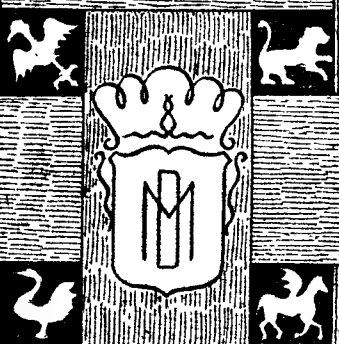
Vendas e assistência técnica em todo o Mundo.

FACIT

MADE IN SWEDEN

Representantes exclusivos:
SOC. COM. LUSO-AMERICANA, LDA.
LISBOA-PORTO-FARO

MOSAICOS DUREX

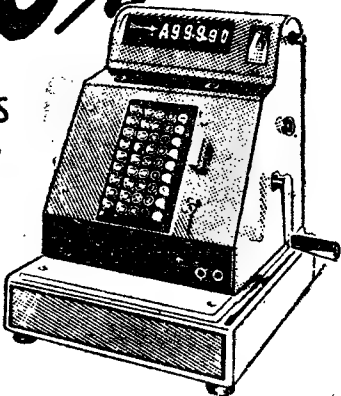


FÁBRICA:
VENDA NOVA-AMADORA
ESCRITÓRIO E EXPOSIÇÃO
R. ARSENAL, 134/36-LISBOA
TELEF. 21814

Mais de 80%

DAS REGISTADORAS
DE TECLAS VENDIDAS
EM PORTUGAL NOS
ÚLTIMOS 10 ANOS

são
Hugin



O JÁ CONSAGRADO MODELO DA
CLASSE 14, É INDISCUTIVELMENTE UMA CAIXA
REGISTADORA QUE REUNE AS CARACTERÍSTICAS
NECESSÁRIAS A QUALQUER RAMO DE NEGÓCIO

CONVENÇA-SE PEDINDO UMA DEMONSTRAÇÃO
grandes facilidades de pagamento.

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA. { Rua dos Fanqueiros, 250-2.º E

Telef. 20353 e 32903 LISBOA

AGENTES NO NORTE
Agência Comercial - Santarém

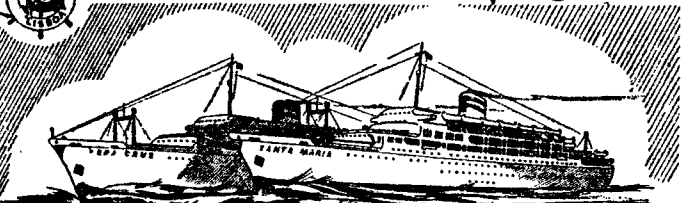
R. Ramalho Ortigão, 40-TEL. 2 4587-PORTO

AGENTES NO ALGARVE

AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO, L.º

Rua de Santo António, 59-TEL. 76-FARO

**COMPANHIA COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO**



“SANTA MARIA”-“VERA CRUZ”

LINHA AMERICA DO SUL

Serviço rápido de luxo com escala por FUNCHAL

PAQUETES	DESTINOS	PARTIDAS (às 12 horas)
“SANTA MARIA” VIAGEM INAUGURAL	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires	12 de Novembro
“VERA CRUZ”	Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires	28 de Novembro

LISBOA — R. DE S. JULIAO 63

Telefones n.º 30131 a 30138

PORTO — RUA INFANTE D. HENRIQUE 9
Telefone 23342

C. M. L.

Empreitada N.º 199/53 —
Construção do Grupo Escolar da Picheleira

Em 24/11/1953, às 15 horas, realiza-se, nos Paços do Concelho, o concurso supra. O depósito provisório de 45.000\$00, é efectuado na C. G. D. C. P., mediante guia solicitada na 1.ª Rep. da D. S. F., até às 11 1/2 horas da véspera do concurso. O projecto está patente na 2.ª Rep. da D. S. F. (R. de S. Julião, 190, 4.ª), das 9 às 12 e das 14 às 17 horas. Lisboa, 29/10/1953. O Vice-Presidente, L. Pastor de Macedo.

FRONTEIRA

Todas as estações de caminho de ferro aceitam a despaço mercadorias para a vila de Fronteira.

No Despacho Central instalado na vila de Fronteira aceitam-se a despaço mercadorias para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse utilize este serviço combinado.

**FEIRA ANUAL
EM BORBA**

(nos dias 1 e 2 de Novembro de 1953)

A C. P. vende para a estação de Borba bilhetes especiais a preços reduzidos, das estações de Lisboa (Terreiro do Paço), Barreiro, Pinhal Novo, Vendas Novas, Montijo e Setúbal, e das estações e apeadeiros desde Évora até Vila Viçosa e até Portalegre.

Por exemplo—preços de bilhetes de ida e volta, em 3.ª classe, de:

Lisboa (Terreiro do Paço) 78\$80
Évora 28\$40
Estremoz 4\$80

Os bilhetes vendem-se nos dias 31 de Outubro a 2 de Novembro.

O regresso pode efectuar-se nos dias 1 a 3 de Novembro.

DEFENDA

a sua garganta com os caramelos Seivomel.

São deliciosos e protegem a saúde.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clínica de Necker—Paris

RINS. vias urinárias—Venere—Sifilis

Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º, às 15 horas. Telefone 2 9062

10 LÂMINAS GILLETTE AZUIS NUM



“Dispenser”
(carregador)

Gillette
de acção
rápida

sem aumento
de preço!



Todas estas vantagens
sem aumento de preço

- Num ápice uma lâmina nova
- Lâminas protegidas por lubrificante
- Compartimento para lâminas usadas
- Não necessita desembulhar — não danifica os fios
- Os fios afiados como saem da fábrica.

CADA “DISPENSER” DE 10 LÂMINAS ESC. 13\$00

Lâminas Gillette Azuis



OFICINAS

ESTACÃO DE SERVIÇO

CITROËN

REPARAÇÕES

DE

AUTOMÓVEIS

Trabalhos com orçamento

MECANICA — ELECTRICI-

DADE — BATE-CHAPA

ESTOFADOR — PINTURA

com pessoal especializado,

sob controle directo da Fá-

brica, exclusivamente com

Peças de origem

Perfeita reparação de carros-
series accidentadas, com apa-
relho e ferramentas especiais
para endireitar e desempenar

Reparação de motores,
com imobilização do carro
somente durante dois dias

LUBRIFICAÇÃO

ESPECIALIZADA

com produtos de 1.ª quali-
dade recomendados pela
FÁBRICA

12, AVENIDA DEFENSORES DE CHAVES

(ao Saldenho)

LISBOA

Telefones: 41141/41142

Exacta

A MEDIDORA
PERFEITA E DE
ABSOLUTA
CONFIANÇA

FABRICANTES:
RECONSTRUTORA AUTOMÁTICA, LDA.
PRAÇA DO AREEIRO, 5-B E 5-C-TEL. 73253-LISBOA

PELES

DAVID KIT

O maior e mais fino sortido para
o ano de 1954, principalmente em
visons e astrakans

Grande desconto para revenda

AVENIDA SIDONIO PAIS, 24

Telefone 48089



REPRESENTANTE EXCLUSIVO

para Portugal, Ilhas e Ultramar:

Sociedade de Representações Artur

Pereira da Silva, Lda., Avenida do

Aeroporto, lote 89, Telefone 74857

LISBOA

**O primeiro
vinho de mesa nacional**

PÉ DA VINHA

VALBELO

CALDEIRA, L.º

R. VALE FORMOSO BAIXO, 94-TEL. 39119-LISBOA

OVIC
126

a SAS mudou-se



e vem informar por isso os seus amigos, os seus clientes e todos aqueles que quiserem dar-nos o gosto de se nos dirigirem, de que doravante estará às ordens de todos, nas suas novas instalações, na



Ali passará a manter contacto directo com o público, prestando informações ajudando a estudar os itinerários das suas viagens de férias ou negócios...



...esclarecendo-o amavelmente em Português ou Inglês, Francês ou Alemão, Espanhol ou Escandinavo, etc., com o tradicional desejo de bem servir que caracteriza a Scandinavian Airlines System.



Viaje pela S. A. S. — consulte a sua agência de viagens habitual ou vá directamente à Av. da Liberdade, 236-A, Telefone 49374 e 57139 (2 linhas) informar-se das facilidades e vantagens das linhas aéreas escandinavas.



SCANDINAVIAN AIRLINES SYSTEM

Limpeza e restauro de carpetes

As suas tapeçarias precisam de ser limpas ou restauradas?

Consulte os serviços especializados da **FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTAO**. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.º, Dir. T. 45359. Orçamentos grátis

DISTINÇÃO NECESSARIA

Tem que fazer a sua apresentação? E quer fazê-la distintamente? Mande executar imediatamente a sua placa de cobre para bilhetes estampados em relevo. E' de rigor e revela a sua posição social. Verá que não o confundem. **ANIBAL GRAVADOR** — Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA. Casa especializada.

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Há bom tempo em Portugal por influência de um núcleo anticiclónico que se encontra localizado entre os Açores e a costa portuguesa.

PREVISÃO ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente limpo e vento fraco variável. Nevoeiros matinais junto à costa e nos vales do interior. Temperatura sem alteração apreciável.

Temperaturas extremas registadas, hoje, em Lisboa, até às 16 horas: máxima, 18,3; mínima, 10,4. No mesmo dia do ano passado: máxima, 20; mínima, 14,6.

PROGRAMAS DA RADIO

EMISSORA — Às 18 e 30, Danças; 19, Notícias; 19 e 30, Rádio Mocidade; 19 e 30, Música sinfónica; 20, O Caso do Dia; 20 e 15, Música ligeira sinfónica; 20 e 30, Notícias regional; 20 e 35, Que quer ouvir?; 21, Notícias e Desdobramento.

Programa "A" — Às 21 e 15, Campanha Nacional de Educação de Adultos: Consultório; 21 e 20, Orquestras típicas; 21 e 30, Variedades em discos; 22, A Vida Começa Hoje; 22 e 30, Zazuzela; 23, Rádio Cinema; 23 e 30, Danças; 23 e 30, Resumo noticioso; 0, Encerramento.

Programa "B" — Às 21 e 15, Antologia Sonora; 21 e 30, Crónica Semanal; 21 e 45, Música de tecla; 22, Recital de canto; 22 e 20, Crónica Musical; 22 e 30, Recital de violino; 23, Que quer ouvir?; 23 e 30, Junção de programas.

RADIO CLUBE — Às 18, Concerto; 18 e 45, Variedades; 19 e 15, União dos Defensores da Língua Portuguesa; 19 e 30, Canções; 20, Música portuguesa; 20 e 15, Notícias; 20 e 20, Conjuntos; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Vozes de Portugal; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 23 e 45, Música de baile; 0, Últimas gravações; 0 e 30, Solos de violino; 0 e 45, Rádio-jornal; 1, Fecho.

RENASCENÇA — Das 19 e 30 às 0 horas.

RADIO UNIVERSIDADE — Das 19 e 45 às 20 e 55.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 às 19 e 30, Rádio Graça; das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; das 22 à 1, Clube Radiofónico de Portugal.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNOS — União — Estrada de Benfica, 592-594 — Tel. 58-092; Aguiar — Estrada de Benfica, 197-199 — Tel. 58-043; Leal de Matos — Rua de Neves Costa, 33-35 — Caridade — Tel. 58-181; Patuleia Herd. — Rua do Lumiar, 122-124 — Tel. 79-332; Alvalade — Avenida da Igreja, 18-B — Sítio de Alvalade — Tel. 77170; Belmar — Avenida de Roma, 53 — Tel. 76314; Miranda — Campo Pequeno, 36-B-C — Tel. 70776; Arga, Ld. — Av. Praia da Vitória, 53-55 — Tel. 43938; S. Sebastião (De) — Largo de S. Sebastião da Pedreira 1-3 — Tel. 48642; Jaime José da Costa — Rua do Conde de Redondo, 68-72; Tel. 54342; Ascenso — Rua 19 — Bairro da Encarnação — Tel. 399216; Marvila (De) — Rua Direita de Marvila, 25; Banha — Estrada de Chelas, 173-175 — Tel. 39683; Nova Luz — Rua A, 4 Avenida de D. Afonso III, 28-A — Tel. 843439; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26 — Tel. 28032; Silva — Calçada de Santo André, 16 — Tel. 26474; Central da Penha — R. da Penha de França, 60 — Tel. 849245;

A recolha de donativos para a compra da casa onde viveu e morreu Abel Salazar

A campanha a favor da aquisição da casa onde viveu e morreu o grande homem do pensamento que foi Abel Salazar prossegue a cargo da Fundação que tem o seu nome. Serão apenas precisas algumas centenas de contos, mas a cotação dos seus admiradores ainda não atingiu a verba necessária. Por isso prosseguem os trabalhos da Fundação Abel Salazar, solicitando de cada um aquilo que puder conceder. Hoje, a juntar às verbas já recolhidas, temos a registar o boletim do ilustre escritor Ferreira de Castro, que nos entregou 300\$00, subscritos em partes iguais, pelos escritores Assis Esperança e Roberto Nobre. A este boletim juntamos o que nos foi enviado pelo sr. dr. Abílio Alves Moreira, de Lousada, Douro, que nos remeteu 400\$00, subscritos pelos drs. Rui de Castro Feijó e Manuel Pinto Ferreira, e pelos srs. Rui Feijó e Manuel Pires Teixeira da Mata Clemente Ribeiro de Beça e Carliando de Sousa Oliveira, cada um dos quais se subscreeveu com 50\$00, e ainda o sr. José Manuel de Magalhães Barbosa, que se subscreeveu com 40\$00, e o próprio encarregado do boletim, com 60\$00.

REUNIÕES CIENTÍFICAS

No Instituto de Oncologia

Esta noite, pelas 21 e 30, tem início, na sala de aula do I. P. O., a actividade do ano académico de 1953-54. É conferência o sr. dr. Dias Amado, que desenvolverá o tema "Substancia Fundamental no Tecido Conjuntivo".

VIDA MUNDANA

ASSIS CHATAUBRIAND — Regressa esta tarde ao Brasil o sr. dr. Assis Chataubriand, director dos "Diários Associados", que ontem veio a Lisboa, para assistir ao enlace matrimonial da filha do seu amigo sr. Américo Breia.

Imperial — Av. de Guerra Junqueiro, 30-B — Tel. 76860; Candido Monteiro — Avenida do Almirante Reis, 121-B — Tel. 45751; Colónial — Caminho do Forno do Tijolo, 40 — Tel. 841122; Central de Campolide — Rua do General Taborda 17 — Tel. 40304; Castro Suc. — Rua de S. Bento, 199-A — Tel. 60513; Almeida — Rua de Silva Carvalho, 136 — Tel. 53226; Lobei — Rua de Infantaria 16, 100-A — Tel. 63807; Paiva & Parente — Rua de Santo António, 4 Estreia, 96-98 — Tel. 65196; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista à Lapa, 35 — Tel. 61251; Bom Sucesso — Rua de Bartolomeu Dias, 63 — Tel. 38754; J. A. Silva — Rua dos Quarteis, 25-27 — Tel. 37777; Lisbonense — Rua do 1.º de Maio, 10 — Tel. 37020; Fontoura de Carvalho — Rua de Santos-o-Velho, 12 — Tel. 62075; Central — Rua de S. Paulo, 20389; Macedo — Rua do Loreto, 71 — Telefone 23631; Estácio — Praça de D. Pedro IV, 60-63 — Tel. 27067.

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

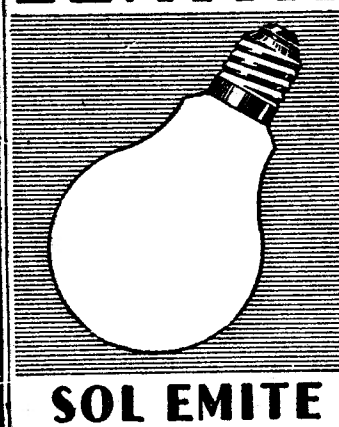
NACIONAL — Às 21 e 45 — "A taça de ouro". MONUMENTAL — Às 20 e 45 e às 22 e 45 — "Cavalgada mágica". MARIA VITÓRIA — Às 20 e 30 e às 22 e 45 — "Saías curtas". AVENIDA — Às 20 e 45 e às 22 e 45 — "Toma, que o filho é teu...". COLISEU — Às 21 e 30 — Nova companhia de circo. TIVOLI — "As neves de Kilimanjaro". SÃO LUIS — "Escravidão". EDEN — "Rainha sem reinor". IMPÉRIO — "Miss Itália". S. JORGE — "Gosto do rapaz". MONUMENTAL — "Sombrosos". POLITEAMA — "Niagara". CONDES — "Romeu e Julieta". CAPITOLIO — "A ilha do pecado". ODEON e PALACIO — "Prestigio real". OLIMPIA — "Zona proibida". TERRASSE — "A fortaleza de Jamaica". LYS — "Duelo sobre o mar". JARDIM — "Passei por cadastrada". PROMOTORA — "Tesouro perdido". BELEM-JARDIM — "Garotas e melodias".

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado Compra/Venda		
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	7715\$	771\$	772\$
Consolidado 3 % T. 10	856\$	855\$	856\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	—	985\$	988\$
Centenários 4 % ...	2.217\$	2.215\$	2.220\$
Obrig. Tes. 2 1/2 1942	—	970\$	975\$
Obrig. Tes. 2 1/2 1943	—	961\$	—
Externas 1.ª série ...	—	1.225\$	—
Externas 1.ª carimbadas	1.230\$	1.225\$	1.235\$
Externas 3.ª série ...	—	1.340\$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.340\$	1.360\$
Cautelas 3.ª série s/ l.	—	158\$	—
Ações			
Lisboa e Açores ...	—	1.655\$	1.750\$
Ultramarino cp. T. p. ...	1.930\$	1.905\$	1.940\$
Portugal port. T. p. ...	—	1.550\$	1.600\$
Mundial ...	—	2.150\$	2.350\$
Águas Lisboa 1936 T.p.	—	210\$	220\$
Cimentos Tejo ...	—	—	420\$
Cimentos Leiria T. p.	495\$	490\$	500\$
Crédito Predial port. ...	253\$	252\$	26\$
Gás Electricidade cupão	1865\$	186\$	1865\$
Alto Alentejo cupão...	145\$	144\$	145\$
Industrial Aliança...	390\$	380\$	400\$
Portugal e Colónias ...	381\$	380\$	381\$
Nac. Navegação T. p.	1.282\$	1.280\$	1.284\$
Colonial de Navegação	665\$	665\$	670\$
Port. de Pesca T. p. ...	1.120\$	1.110\$	1.130\$
Port. de Tabacos cupão	457\$	456\$	458\$
Tabacos Portugal cupão	—	590\$	600\$
União Eléctrica Port.	—	213\$	215\$
Casseque ...	1.489\$	1.488\$	1.489\$
Agrícola das Neves ...	—	1.120\$	1.200\$
Agricultura Colonial ...	—	660\$	670\$
Açúcar de Angola...	3.430\$	3.420\$	3.440\$
Buzil... ..	264\$	263\$	264\$
Cabinda ...	—	212\$	217\$
Ilha do Príncipe ...	—	1.430\$	1.460\$
Zambézia T. de 25 ...	125\$	125\$	126\$
Mocambique ...	—	158\$	160\$
Eléctrica das Beiras ...	—	1.471\$	1.480\$
Obrigações			
Norte de Portugal 5% ...	—	108\$	—

J. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

ZENITH

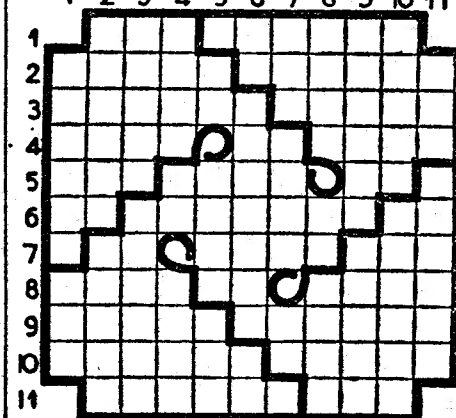


SOL EMITE

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3992

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Argola de cesto. Da Baviera. 2—Comporta. Mãe de Esau e de Jacob (Bibl.). 3—Localidade do conchelo de Alcácer do Sal. Livrar. 4—Tramo. Nome de letra grega. Tapume de ramos. 5—Peça do jogo de xadrez. Combinar. Laço. 6—Nesse lugar. Alegres. Aqui. 7—Símbolo químico do cloro. Borrás. Nome de um cântico, de uma cidade e de um lago, da Suíça. 8—Cinzeiro-azulado. Partia. Jurisdição. 9—Duras. Cidade banhada pelo Lis. 10—Dano. Simples. 11—Queremos muito. Assim que.

VERTICAIS: 1—Suportar. Grande. 2—Venerar. Fura em muitos pontos. 3—Apareci. Lançam ao mar. 4—Africano. O mais (ant.). Cura. 5—Em doses iguais (quim.). Nome dos antigos governadores árabes de territórios da Península Ibérica. Afirmação. 6—Atmosfera. Que provém das repartições públicas. Proposição e artigo. 7—Enxergas. Aprel. Preposição. 8—Bordos. Pertences. Concedam crédito. 9—Pessoas que ficam em poder do inimigo como garantia de um tratado. Carro baixo para transporte de grandes pesos. 10—Termino. Conveniente. 11—Unidade das medidas agrárias. Desgostos.

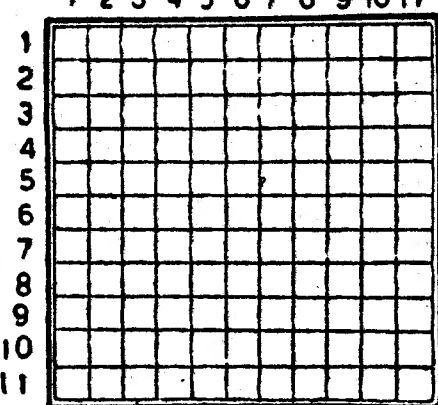
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3991

HORIZONTAIS: 1—Pompador. 2—Mace. Ela. Unas. 3—Era. Sue. Seu. 4—Ré. Feixe. Rã. 5—Tn. Sagrava. A's. 6—Saudo. Gosto. 7—E's. Baviera. Ar. 8—Ge. Mirra. Al. 9—Era. Aia. Amo. 10—Rem. Sés. Idos. 11—Rememorar.

VERTICAIS: 1—Mertseger. 2—Pare. Nas. Eter. 3—Oca. Sub. Ame. 4—Me. Fadad. Em. 5—Pé. Segóvia. Se. 6—Aluir. Iriem. 7—Dá. Exagera. Só. 8—Ou. Evora. Ir. 9—Uns. Asa. Ada. 10—Raer. Ata. Amor. 11—Suasórios.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 759

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Cidade da Bélgica. Peixe escombrido do Algarve. 2—Pronome pessoal. Cólera. Origem. 3—Graceja. Adeiro. Céu. 4—Da Arábia. 5—Imperador romano. Botilhão. 6—Patroa. Olé. Gemidos. 7—Epoca geológica. 8—Aguçava. 9—Junta. Terreiro em frente da igreja. 10—Clareidade. Certa. Moeda japonesa. 11—Deste modo. Messe.

VERTICAIS: 1—Cidade de Espanha. Pronome indefinido. 2—Naquele lugar. Nome de mulher. Lírio. 3—Em a. Altar. Camareiras. 4—Anel. Levanta. 5—Passada. Composição poética. Algum. 6—Revoltaram. 7—Genro de Maomé. Nome de mulher. Carta de jogar. 8—Vazia. Nome de mulher. 9—Porco. Filéira. Protela. 10—Fruto da parreira. Nome de homem. Rapar. o sal na peça da salina e juntá-lo com o rodo. 11—Falecidas. Leve camada.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 758

HORIZONTAIS: 1—Carro. Açoro. 2—Eu. Correu. 3—Remir. Selar. 4—Orai. Regi. 5—Opresso. MIV. 6—Assais. Se. 7—Rs. As. 8—Ir. Dá. Abala. 9—Ror. Ma'abar. 10—Reinou. Tó. 11—Orais. Cerra.

VERTICAIS: 1—Cerro. Cirro. 2—Pá. Roer. 3—Remorso. Ria. 4—Ru'eres. Ni. 5—Rasaramos. 6—Isis. Au. 7—Aos. Os. Al. 8—Crr. Abate. 9—Orem. Sabor. 10—Reagis. Lá. 11—Ouviresaria.

Blusas

Casacos

A maior colecção

TORRE EIFFEL

104 - RUA DO CARMO - 106

O momento político

Uma sessão de propaganda na cidade da Beira em que falaram o governador de Moçambique e o eng. Pereira Jardim

LOURENÇO MARQUES, 29.—Na sessão de propaganda eleitoral realizada ontem na cidade da Beira, sob a presidência do governador-geral de Moçambique, comandante Gabriel Teixeira, encontrava-se também presente o engenheiro Jorge Pereira Jardim, candidato por Moçambique à Assembleia Nacional, e que, apesar de não estar inscrito como orador, fez um brilhante discurso, em que afirmou: «Para a gente da minha geração, que foi formada nos princípios indiscutíveis do serviço nacional e que tem orgulho em participar no ressurgimento português, os actos da vida pública a que possa ser chamada, têm significado de missão que sempre se cumpre em dada total, sem pedir nem recusar postos em que se entenda devermos oferecer a nossa contribuição».

Ma's adiante: «Irei, por imperativo de consciência, para a Assembleia Nacional e, só da consciência, poderei receber limitações à minha actuação. Tenho, assim, a alma aberta perante todos e asseguro-vos que não terei a boca fechada quando for mi ter defender o que seja justo e há tanta justiça para fazer e imponha a minha intervenção».

O governador-geral, em palavras atentamente escutadas e vibrantemente aplaudidas, pela consciência e clareza de que se revestiram, disse: «Como afirmação de fé ou de princípios, c'êio não ser preciso falar, porque os conheço. Que, como governador-geral, seja preciso falar para assegurar a vitória eleitoral, também não. Por que vim, então? Porque no acto da minha posse de governador-geral propus à população de Moçambique trabalhar em conjunto com ela e declarar que não seria o governador-geral a fazer a obra, mas todos. Segundo, porque a escolha dos deputados, sendo razão bastante para velar pelo bem de Moçambique, nem mesmo os adversários da Situação contestam o acerto da escolha, nem os candidatos precisam que cite as suas qualidades. Mas, apesar de não haver oposição cá, não deixam de chegar os ecos da oposição que se faz na Metrópole. Como portugueses, não podemos fechar os ouvidos a oposição nem deixar deles tirar os ensinamentos úteis para a prática a seguir. Temos de reconhecer que alguma coisa se tem ganho quanto à evolução da mentalidade da oposição ao Estado Novo, o que vem demonstrar o que disse em 1947: Senhores, estão misturadas forças comunistas disfarçadas em democráticas; há o conselho do voto, há os que se candidatam, há os que nem votam nem se candidatam, e vemos a oposição dividida em vários sistemas, não se entendendo».

E, a terminar, o comandante Gabriel Teixeira afirmou: «E porque sabem que não é a primeira campanha eleitoral em que intervenho, não venho pedir votos, venho apenas pedir a todos os portugueses que cumpram o dever de votar».

O governador-geral e o presidente da União Nacional, dr. Ferreira da Silva, seguem hoje, às 11 e 30, de avião, da Beira para Tete.—(L.)

As sessões de propaganda da União Nacional

Realiza-se hoje, na Figueira da Foz, promovida pela União Nacional, uma sessão de propaganda eleitoral. A sessão, que se efectua no Teatro Casino Peninsular, pelas 21 e 30 horas, preside o sr. prof. dr. Bissaya Barreto, sendo oradores os srs. drs. Joaquim de Moura Neves, Augusto Duarte Henriques Simões, Joaquim de Sousa Machado, dr. Santos Bessa e Mário Barreira.

Amanhã haverá uma sessão na Covilhã, presidida pelo sr. dr. António Pedro Pinho de Mesquita, e em que são oradores os srs. dr. António Correia, dr. António Santos da Cunha e mons. António dos Santos Carreira.

Uma carta

Escreve-nos o sr. dr. Carlos Cal Brandão pedindo a publicação de uma carta, da autoria do sr. dr. Francisco de Barros Ferreira Cabral Teixeira Homem, que deu origem a uma nota da comissão distrital do Porto da União Nacional, que publicamos. Sem que isto envolva menos consideração pelas pessoas ou ideias que perfilham, não publicamos a referida carta em consequência da norma, que nos tem guiado, de não repetir quaisquer documentos, informações ou comentários que tenham sido previamente publicados em qualquer jornal.

VIDA RELIGIOSA

O culto na igreja de S. João de Deus Na igreja de S. João de Deus, são celebradas missas aos domingos, às 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 19 horas; nos restantes dias da semana, às 8, 9 e 10 horas e devoção do terço com benção do Santíssimo, às 19 horas.

Nota do Ministério da Economia sobre os empreendimentos hidroeléctricos

(Continuação da 1.ª página)

vimento do consumo e as exigências do progresso económico.

Prevista a expansão da procura no período de execução do Plano, com a aconselhável margem de segurança, definiu-se, sobre essa base, o programa de empreendimentos a realizar. No seu escalonamento teve-se fundamentalmente a preocupação, como não podia deixar de ser, de alcançar os mais elevados níveis de produção, ao custo mais económico. Mas, atendeu-se, também, entre outras circunstâncias, à data da entrada em laboração das Centrais a construir, ao estado de adiantamento dos estudos necessários e à conveniência de dar prioridade às obras de produção de energia permanente, de modo a tornar possível a utilização das fontes produtoras de quantitativos apreciáveis de energia temporária. A conclusão do aproveitamento dos sistemas do Zêzere e do Cávado, onde se iniciaram em 1945 as grandes obras hidroeléctricas nacionais, obedecia a todos os requisitos indicados e constituía a base indispensável para a exploração económica dos recursos existentes na bacia hidrográfica do Douro.

Planificaram-se, assim, os aproveitamentos do Cabril e Bouça, no Zêzere, os de Salomonde, Caniçada e Paradela, no Cávado, e finalmente, em coordenação com eles, o do Picote, no Douro internacional, elaborando-se os programas de trabalho de modo a que a entrada em serviço de cada central se efectuasse na oportunidade exigida pela evolução da curva do consumo.

O conjunto de empreendimentos previstos constitui, pois, um todo convenientemente articulado e em que foram devidamente considerados os múltiplos aspectos do problema. Que assim é prova-o a forma altamente elogiosa como peritos estrangeiros, dos mais qualificados, se referiram, recentemente, à orientação seguida pelo nosso País em matéria de empreendimentos hidroeléctricos.

Os juízos emitidos pelo sr. eng.ª Cunha Leal representam, portanto, mera crítica destrutiva, a que não pode reconhecer-se qualquer fundamento técnico ou económico.

2.ª—As centrais térmicas existentes no País, apesar da sua dispersão e deficiente aproveitamento, fornecem, por enquanto, apoio bastante à rede eléctrica nacional.

Tanto assim que, não obstante a fraca hidroalilidade do ano em curso, se pôde manter a perfeita regularidade do abastecimento eléctrico, sem necessidade de recorrer a medidas de

restrição, como sucedeu noutros países e designadamente na vizinha Espanha.

E' certo, no entanto, que o desenvolvimento da produção e consumo, previsto para o próximo quinquénio, torna indispensável a construção de uma nova central térmica de potência ajustada às exigências nacionais.

Computados em 800 milhões de kWh os «déficits» de energia hídrica que poderão verificar-se, a partir de 1956, na hipótese de anos excessivamente secos, e sabendo-se que a capacidade de produção térmica actual não ultrapassa 500 milhões, havia que promover a criação de uma nova unidade que pudesse fornecer, posteriormente aquela data, a indispensável energia suplementar.

Por isso mesmo se previu a instalação de uma central com essa finalidade, a localizar na região duriença e apta a queimar os carvões nacionais de teor mais reduzido, com a consequente economia de divisas e valorização das nossas disponibilidades de combustíveis.

Ao contrário do afirmado pelo sr. eng.ª Cunha Leal, não se descurou, pois, a conjugação da produção hidráulica e térmica, tendo-se assentado precisamente nessa base toda a concepção e execução do sistema eléctrico nacional.

3.ª—Quanto à montagem forçada de certas indústrias, referiu-se concretamente o sr. eng.ª Cunha Leal às fábricas de sulfato de amónio. Ora, a tal respeito, há antes de mais nada a esclarecer que o Estado não força quem quer que seja a montagem de indústrias, nem para isso dispõe de quaisquer meios legais.

A data das concessões das licenças das actuais fábricas de sulfato de amónio—22 de Julho de 1941—a agricultura e o abastecimento público do país caminhavam para uma das suas crises mais sérias, em consequência das dificuldades cada vez maiores encontradas na aquisição de adubos azotados, no estrangeiro.

Basta dizer que, sendo da ordem das 75.000 toneladas a importação do sulfato de amónio em 1939, a mesma se reduzia em 1944 ao inconcebível valor de 5.000 toneladas.

Compreende-se, pois, que os responsáveis pela administração tivessem acarinhado e estimulado a ideia da instalação da respectiva indústria em Portugal.

E' certo que um conjunto de contratempos—encarecimento e demoras na entrega do material e sequência invulgar de anos anormalmente secos,—criaram um certo numero de dificuldades, especialmente sensíveis em virtude de a nova indústria se encontrar numa primeira fase de exploração.

Completadas, porém, as suas instalações, como se torna mister e o Plano de Fomento prevê, serão removidas aquelas dificuldades sem o recurso sequer—como aliás tem sucedido a fábricas congêneres no estrangeiro—a amortizações substanciais, suportadas pela colectividade.

Não há razão, portanto, para pessimismos extemporâneos. As fábricas em referência, independentemente da sua função primordial de produtoras de adubos, constituem volante indispensável para a absorção de volume apreciável de energia eléctrica, temporária e sobrança, que outra forma não teria utilização. Só em 1952, que foi um ano hidrologicamente médio, essa utilização atingiu 100 milhões de kWh e poderia ter-se elevado a 150 milhões, se as fábricas iniciassem a sua laboração no começo do ano. Apesar desta circunstância adversa, o valor da energia utilizada, que de outra forma se perderia, ascendeu a cerca de 12.000 contos, sendo a correspondente produção de sulfato de amónio da ordem das 25.000 toneladas, no valor aproximado de 50 mil contos.

Não são, pois, de estranhar as suspensões de laboração nesta indústria, quando aquelas formas de energia, a baixo preço, não abundam. Assim sucede também nas similares instalações estrangeiras.

O que poderia surpreender seria dar razão a críticas precipitadas e não se concluir uma obra que só o decurso do tempo permitiria apreciar na plenitude das suas perspectivas e no valor dos seus benefícios».

BRAGA - SPORTING

NOS MAIS LUXUOSOS AUTO-PULLMANS
Sábado, 31 — Partida às 14 horas
Domingo, 1 — Regresso às 17,30 horas
PREÇO: 135\$00

BOAVISTA-BENFICA

Sábado, 31 — Partida às 14 horas
Domingo, 1 — Regresso às 18 h.
Perço 110\$00
Organizações IZIDORO DUARTE
Rua da Palma, 256 (Garagem Navarro)—Tel. 21034—CABINES 2 e 3—LISBOA

Pensão Monumental

Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória, 21 Tel. P. B. X. 29807

Vida desportiva

FUTEBOL

Jogadores punidos pela Federação

Na sua habitual reunião de quarta-feira, a C. E. da direcção da F. P. F., resolveu punir os seguintes jogadores: Augusto Santos Batalha (Lusitano de Évora), 3 jogos oficiais de suspensão; Manuel A. J. Paixão (Lusitano de Évora), 2 jogos; António Jorge Porcel (F. C. Porto), 3 jogos.

Os castigos destes jogadores que estavam suspensos preventivamente, contam-se a partir de 19 do corrente.

Julio Ferreira Pinto (Oliveirense) e Ildio Santos Camarinha (Portimonense), 3 jogos oficiais de suspensão; Venício Marques (Oihanense) e Jorge Luis da Silva (Montijo), 2 jogos; Juan Camer (Torres Novas), José Mota (Estoril) e João Paulino Rocha (Luso do Barreiro), 1 jogo.

Foi suspenso preventivamente, até esclarecimento do árbitro, o jogador Adérito Filipe Ribau (Beira Mar).

Castigos a árbitros

Depois da conclusão do inquérito a que mandou proceder, a Comissão Central dos Árbitros resolveu suspender com 30 dias José Sarandez; e com 15 dias, Francisco Nascimento; respectivamente, árbitro e fiscal de linha do encontro Lusitano-F. C. do Porto.

Castigos aplicados pela A. F. L.

A direcção da Associação de Futebol de Lisboa aplicou as seguintes sanções a jogadores: um jogo de suspensão, Julio José Barreiro, do Atlético; 3 jogos de suspensão, Elmano Pereira, do Aguiar Villafraquense, e Manuel Batalha Teixeira, do Estoril Praia.

Torneios da Associação de Futebol de Lisboa

Realizam-se no próximo sábado e domingo os seguintes jogos concernentes às provas organizadas por aquele organismo.

No próximo sábado: «TAÇA IMPRENSA»—Casa Pia-Belenenses, em Santo Amaro, às 15 horas; Amrolos-Oriental, no campo Aliança, às 15; Benfica-Sporting, no Campo Grande, às 15; Atlético-Estoril, na Tapadinha (treinos), às 15 horas.

No próximo domingo: Sporting-Oliveiras, no Lumiar-A, às 11 horas; Mirandense-Alhandra, no campo Marvila C. P., às 10 e 30; Atlético-Operário Villafraquense, na Tapadinha, às 10 e 30; Aguiar-Sacavenense, no campo Aguiar, às 10 e 30; Benfica-Castelo, no Campo Grande, às 10 e 30; Carcavelos-Estoril, no campo Quinta Nova, às 10 e 30; Amrolos-F. Benfica, no campo Aliança, às 10 e 30; B. Inglaterra-Belenenses, no campo A. de Carvalho, às 10 e 30.

APURAMENTO PARA O CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO—Palmense-Aguia, no campo José Ramos, às 15 e 15; Sacavenense-Alhandra, no campo Sacavém, às 15; Operário Villafraquense-Sintrense, no campo Op. Villaf., às 15; Operário-F. Benfica, no campo Américo de Carvalho, às 15 horas.

TORNEIO DE RESERVAS—Palmense-Aguia, no campo José Ramos, às 13 e 15; Sacavenense-Alhandra, em Sacavém, às 13; Op. Villafraquense-Sintrense, no campo Op. Villaf., às 13; Operário-F. Benfica, no campo Américo de Carvalho, às 13 horas.

F. C. do Porto-Belenenses

O Clube de Futebol «Os Belenenses» organiza no domingo, 8 de Novembro, um comboio especial ao Porto, ao preço de 100\$00 (ida e volta) com o horário seguinte: partida de Lisboa às 1 e 35; chegada ao Porto às 7 e 43; partida do Porto às 19 e 30; chegada a Lisboa às 0 e 55.

As inscrições podem ser feitas na sede e secretaria do clube, até ao dia 5 de Novembro e no próximo domingo, 1, na bilheteira interna do campo «José Manuel Soares».

A selecção espanhola treina, com vista ao jogo contra a Suécia

MADRID, 29.—No Estádio Metropolitano desta capital, e organizado pela Real Federação Espanhola de Futebol a benefício dos danificados pelos temporais do Norte de Espanha, realizou-se um encontro entre os pré-seleccionados para jogar com a Suécia em Bilbao e a equipa suíça La Chaux de Fonds. Os espanhóis ganharam por 2-0, mas fizeram má exibição, dada a mediocridade dos suíços, apesar de alguns destes terem sido várias vezes internacionais.

Dos espanhóis alinharam no primeiro tempo: Pazos; Navarro, Biosca e Segarra; Bosch e Garay; Seguí, Kubala, Venancio, Moreno e Gaiñza. E, na segunda parte: Bagur; Orue, Campanil e Segarra; Ramoni e Biquilme; Espina, Arza, Cruellas, Moreno e Gaiñza.—(Efe).

UMA INICIATIVA DE «RECORD»

A exposição de trofeus dos clubes populares

Estão a obter o maior êxito em toda a cidade as exposições de trofeus dos clubes populares, organização do jornal «Record», em colaboração com as comissões de trabalhos para a construção do Estádio Popular de Lisboa.

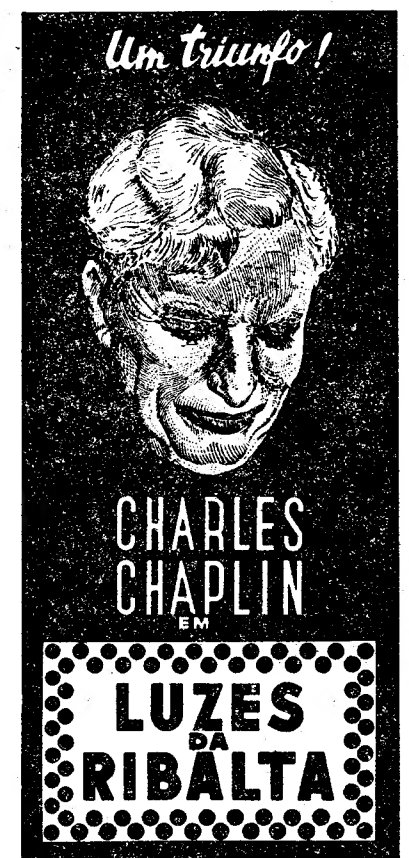
O júri para a classificação das montanhas, constituído pelos srs. Fernando Ferreira, director do jornal organizador; Jaime Franco, pela comissão; Cordeiro Feio, pelo Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, e mestre Alfredo Candido, pela Federação das Sociedades de Educação e Recreio, iniciaram ontem as visitas aos locais das exposições, que se prolongarão até sábado, das 21 às 0 horas.

A distribuição dos prémios, terá lugar em 7 do próximo mês, numa festa a realizar no Lisboa Clube Rio de Janeiro.

ATELIER

Num dos melhores locais da cidade. Serve também para habitação. Resposta a este jornal, ao N.º 50.

SEGUNDA - FEIRA 2 DE NOVEMBRO UMA ESTREIA MEMORÁVEL



EDEN
TIVOLI

RIVOLI
S. JOÃO

O bem-estar social nos projectos do Governo francês

O título não é perfeito. De facto, trata-se do «Ministério da Saúde Pública e da População». Esta precisão é importante. Quer dizer que não se trata unicamente de higiene, de luta contra a doença, de acção sanitária, mas, que importa dominar, amplamente e de cima, os problemas, Ministério da População quer dizer isto: estudo permanente das condições de vida dos habitantes, exame das variações demográficas e sociológicas respeitantes aos seres humanos, interesse pelos problemas familiares e conjugais, análise da acção a empreender para melhorar o valor e qualidade dessa população.

Quais são, na hora actual, as preocupações e os projectos dum Ministério desta ordem? Um resumo completo do seu programa teria decerto um interesse prático para os que seguem de perto os problemas sociais e familiares. De resto, há neste conjunto todo muita coisa idêntica ao que se faz noutros países. Parece-nos mais interessante acentuar certas ideias novas que estão, actualmente, em formação. Antes de tudo, evidentemente, o capítulo da maternidade e o da infância. Verificou-se que, ao sair da maternidade, onde deu à luz o seu filho, a mãe jovem, não casada ou abandonada, fica frequentemente num estado afectivo que torna difícil a adaptação a uma situação de mãe sem marido, o recomeçar da vida activa e a consciência das novas responsabilidades a que tem de fazer face. É necessário que se acostume progressivamente e seja aconselhada antes de ser abandonada a si mesma.

Em vista disso, pensou-se na criação de «Hotéis Maternais», um género de «homes» de transição entre a clínica e a vida. Um ambiente acolhedor sem nada da atmosfera médico-cirúrgica. A exploração desses hotéis seria menos onerosa para o erário público que as casas de tipo médico, e tudo leva a crer que, graças ao seu pessoal educador especializado, encorajariam a mãe a afrontar os problemas práticos e emocionais, dando-lhes conhecimentos de toda a ordem; necessários ao feliz desenvolvimento do seu filho.

Surge então a angustiosa questão da infância inadaptada e delinvente. Trata-se aqui, sobretudo, de inaptações físicas de saúde e equilíbrio mental. Ora nem todos as crianças delinquentes são doentes. Nem todas as crianças perturbadas no seu desen-

Matinées Clássicas Privadas

Filmes históricos cedidos por cinematecas estrangeiras

Recomeçaram e continuam no próximo domingo, às 11 horas da manhã, no Tivoli, as «matinées» clássicas privadas para sócios e convidados. Eis os filmes cedidos pela Cinemateca Nacional de Espanha, que vão ser exibidos nas próximas sessões: «Entre Sábado e Domingo», de Machaty; «Nosferatu», de Murnau; «Svenhalla», de Archi Mayo; «Feu Mathias Pascal», de Pirandello e Marcel L'Herbier; «Le Chien Andalou», de Salvador Dalí e Buñuel, etc.

Os sócios podem levantar os seus cartões na Livraria Portugal, Rua do Carmo, 75, das 15 às 19. Mais esclarecimentos prestam-se pelo telefone 41530.

O PORTO pelo telefone

Então num elevador

PORTO, 29.—O pintor Ilídio Moreira de Almeida, de 23 anos, solteiro, residente em Vila Nova de Gaia, ficou entalado no elevador da sede da Legião Portuguesa, sofrendo fractura de vértebras e dando entrada no Hospital onde ficou internado.

Serralheiro ferido

O serralheiro António Manuel da Silva Gouveia, de 16 anos, solteiro, morador na Rua de S. Roque da Lameira, 1689, sofreu ferimentos e deu entrada no Hospital em estado grave.

PRECISA DE LIMPAR
ou mudar de cor
as suas carpetes?

Os mais especializados
TINTURARIA PORTUGALIA
Rua da Misericórdia, 75/77
Tel. 23221
FABRICA — Rua D. á Calçada
da Boa Hora

volvimento são delinquentes. A acção a empreender deve ser evidentemente médica e terapêutica, mas, sobretudo, preventiva. O principal é localizar as perturbações antes de se tornarem incuráveis. Os projectos ministeriais prevêem a criação de «Comités» locais de protecção à infância, com diversos especialistas que estudem em colaboração as medidas a propor aos pais. Dessas medidas generalizou-se o tratamento por «cura externa». Sempre que seja possível a criança ficará com a família, os pais terão apenas que trazer a criança periodicamente à consulta do «Centro de Saúde Mental Infantil» e receberão a visita duma assistência especializada. Deste modo será possível guardar a atmosfera familiar sem ocasionar traumatismos sentimentais, por vezes graves, provocados pela separação e o internamento.

Outro projecto diz respeito aos jovens e adultos que, por qualquer razão, viveram internados: doentes curados, menores que estiveram numa casa de reeducação, presos que ganharam a liberdade, antigas prostitutas desejosas de refazer uma existência normal. Para todos—cada um segundo a sua categoria—se preparam «Lares de Transição», que os readaptem lentamente à vida de sociedade. Em quase todos os casos serão lares de «semi-liberdade», abertos sobre o mundo exterior, onde o indivíduo se sinta capaz de se dirigir só. Quanto aos doentes, afirma-se uma nova doutrina: é a da cura em domicílio.

No princípio do século, a tendência geral foi, sobretudo, para os meios «populares», extrair o doente do domicílio habitual e colocá-lo no hospital. Era uma questão de higiene, campo em que há muito a fazer e um pouco já feito. O alojamento melhora progressivamente, a higiene aumenta, e o corpo de assistentes visitantes cresce. Pode-se, pois, encarar outra política, que seria manter o doente não contagioso e, sobretudo, o crónico, no seu meio familiar, garantindo-lhe assistência. Isto implica um modo especial de financiamento. Até os indigentes evitariam assim a sala comum. Enfim, há os velhos, que constituem uma seria preocupação social em França. A lei reconhece-lhe direitos de reforma e assistência, mas as diligências são complicadas e dão uma impressão de dependência. Estudam-se novos mecanismos, além da criação e modificação dos «Lares dos Velhos», onde além de casa independente os velhos podem comer e distrair-se, sem estarem fechados. Bem entendido a comunidade nacional acarreta com as despesas destes lares. Todos os projectos, como se vê, respeitam as individualidades e as aspirações humanas, mesmo nos menos protegidos da sorte.

J. GUERIN—DESJARDINS

Dizem os leitores...

Pensões incómodas

Pedem-nos alguns habitantes da Rua Castilho, uma das mais elegantes da capital por ser constituída apenas por prédios de residência e sem lojas, que chamemos a atenção da Câmara Municipal para o facto de serem incómodos à noite por toques de campainha, da rua para os seus andares, por pessoas que a eles se não dirigem, mas apenas a alguma pensão instalada no respectivo prédio.

Hóspedes que chegam por comboios da noite ou de automóvel ou, ainda, os noctívagos que regressam dos cabarés, não encontrando facilmente, às escuras, o botão da campainha da pensão no quadro geral, começam a tocar à toa em todos os outros, sobressaltando pessoas idosas que precisam descansar, e que se vêem obrigadas a levantar-se, e a ir à janela, para ver na rua quem lhes não interessa.

Na mesma carta, lembra-se a estas pensões ter geralmente na porta da rua e por fora, uma tabuleta com o seu nome. Podia a Câmara Municipal estabelecer uma postura obrigando essas pensões e todas as estabelecidas em prédios residenciais, a ter nessas tabuletas uma lampada e um botão de campainha privativo, o que, evitando incómodos, seria vantajoso para todos. A própria pensão seria compensada desse pequeno gasto por a tabuleta iluminada fazer a sua propaganda de noite, e por não perder um cliente novo, que não tendo podido entrar, resolveu dirigir-se a outra pensão.

Falta de luz

Pedem-nos que nos façamos eco desta carta, enviada pelos moradores da Avenida dos Estados Unidos da América, ao Areeiro, especialmente os residentes na junção desta avenida com a Avenida do Aeroporto:

«Há já quatro anos que a Avenida dos Estados Unidos da América foi começada, mas nela não há luz, o que constitui algum perigo, porque em dias de inverno e copiosa chuva, o seu leito se torna por vezes intransitável, além das facilidades que dá à gatinagem. Acumula-se a água na parte da Avenida que dá acesso até à Rua 59, havendo por vezes inundações nos prédios habitados».

O trânsito no Lumiar

Escreve-nos um leitor residente no Lumiar a chamar a atenção para os inconvenientes que resultam da colocação actual do «terminus» da linha dos eléctricos e da forma como os carros são obrigados a manobrar ali.

Chama a atenção para o grande desenvolvimento que se registou, nos últimos anos, naquela zona da capital, e sugere que se torne obrigatória a circulação dos veículos motorizados pela Estrada do Desvio.

Quanto ao problema dos «eléctricos», certamente a Carris, cujos serviços técnicos têm colaborado na solução doutros aspectos difíceis do trânsito, não terá também dificuldade em dar a sua contribuição para resolver este.

Reunião de confraternização de antigos combatentes

Uma comissão constituída por antigos combatentes em África e em França, que pertenceram ao regimento de Artilharia n.º 1, da qual fazem parte o tenente-coronel Cândido Ribeiro, dr. Mário Garcia da Silva, João Cardoso de Oliveira e Julio Jacinto Ferreira, vai promover uma reunião de confraternização, no próximo mês de Dezembro, comemorativa da entrada daquele regimento na Grande Guerra.

As adesões para essa reunião poderão ser enviadas ao tenente-coronel Cândido Ribeiro, para a sede da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

EDIFÍCIOS ESCOLARES

EVORA, 28 — A freguesia da Orada, do concelho de Borba, continua a ver ministrado o ensino primário oficial num velho pardieiro sem condições algumas para o fim a que é destinado. O Plano dos Centenários prevê a construção de um edifício naquela localidade, obra que tem sido demorada e continua a sê-lo, porque entre os proprietários do terreno a ele destinados e a Câmara Municipal, não se chegou ainda a acordo.

S. João do Estoril reclama benefícios de acordo com os interesses daqueles que lá vão ou moram

As povoações que ficam na linha do Estoril nem pelo facto de estarem incluídas na nossa primeira zona de turismo colhem benefícios por aí além, dos privilégios que lhes deviam estar inerentes. Não queremos, naturalmente, lembrar o que se passa com os grandes problemas do turismo. Basta-nos recordar, por exemplo, tal como no-lo sugere um leitor, as conrarias vertiginosas dos automóveis, brincando às ultrapassagens—e brincando com a vida própria e a daqueles que, sendo ou não turistas, e nada tendo a ver com o turismo, vão à sua vida, percorrendo a pé a estrada de S. João do Estoril.

Relegam ao esquecimento—diz-nos dali o mesmo leitor—e até ao desprezo, os sinais de perigo, afrouxar, etc., e para que o caminho se lhes não tolha, confiam à estridência, forte, prolongada e impertinente das buzinas, quer de dia quer de noite, o encargo de evitar-lhes obstáculos.

Aguardar-se-á que ocorra um grave desastre, visto que os choques constantes e atropelamentos de animais, domésticos ainda não mereceram importância para justificar a presença de quem, com eficácia, imponha moderação?

Será mais impertinente buzinar-se em Lisboa do que em qual quer outra localidade?

Por outro lado, referindo-se ainda à mesma linda praia, escreve-nos o sr. Machado da Conceição uma carta, cujos termos revelam, igualmente, o abandono a que chegou aquela zona. Muito justamente, chama a atenção de quem de direito para o estado em que se encontram as ruas, valetas e passeios de S. João do Estoril e Alto Estoril, quanto a alcatroamento e sanidade, com vastos terrenos onde os rebanhos pastam, onde se criam porcos e onde o lixo se acumula.

«A Junta de Turismo—continua o nosso esclarecido leitor—fez ali alguns trabalhos a medo, em algumas ruas, mas as restantes e seus acessos e muros de vedação não existem e os caminhos para o «turístico» Vale de Santa Rita parecem caminhos de cabras, cheios de entulho e toda a casta de imundície. Apresento este reparo, porque sou ali proprietário (não de terrenos para vender) e pago as mínimas contribuições, juntamente com outras pessoas, das quais aliás não tenho procuração, mas parece que aqueles sítios «não são Estoril» e tudo está votado ao mais completo abandono.

Se são atendíveis as reclamações de outros locais, por que não se olha com carinho por aquelas ruas e por aquela zona que fazem parte desta terra de turismo? Ou será de atender somente a fachada da zona, mantendo o resto ao abandono, sem lhes faltarem até barracas de lata?

E pena que algumas pessoas que nestas coisas superintendem não possam por ali imóveis ou terrenos para vender, pois, certamente, os passeios e valetas já estariam feitos e as ruas alcatroadas. Locais sei eu onde os proprietários têm feito reparações à sua custa e eu sou um deles.

Se o meu modesto reparo conseguir chegar às altas esferas do mando, pode ser que algo se consiga e que logre provocar algum interesse por aquelas enteadas, que são pelos pais tão maltratadas e descuidadas, certamente, contádnhas, porque nasceram primeiro e talvez sejam menos belas... Mas aqui também é Estoril, zona de turismo, concelho de Cascais».

O petroleiro «San Brás» largou de Nova York para Lisboa

Iniciou a viagem de Nova York para Lisboa o petroleiro «San Brás», com um carregamento de combustíveis líquidos. O navio presta apoio ao draga-minas «Horta» cedido pelos Estados Unidos a Portugal e a mais dois navios, um belga e outro holandês da mesma classe. Esta assistência manter-se-á até aos Açores. O «San Brás» deve entrar no Tejo, em meados de Novembro.

Notícias de Vila Real

VILA REAL, 28.—Foi inaugurada a Estação Meteorológica de Vila Real, que fará as suas emissões diárias para a estação de Monsanto, às 0, 6, 12 e 18 horas. Está instalada provisoriamente no monte do Arcabuzado, dentro da área do Bairro de S. Vicente de Paulo.

—A partir do dia 1 de Novembro próximo, os carros de praça desta cidade poderão estacionar em qualquer ponto da cidade, estabelecendo-se, assim, o regime de praça livre, a exemplo do que se faz em alguns grandes centros populacionais.

Mário Mesquita FALECEU

Maria do Carmo Lopes Mesquita, Maria Adelaide de Carvalho Mesquita Ribeiro, José de Carvalho Mesquita e mais família participam o falecimento do seu querido marido, irmão e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Rua da Esperança, 69, 3.º, esq., para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA MAGNO

**BOLACHAS
BISCOITOS**



Paupe

para miúdos e... para graúdos...

Uma mensagem da rainha Isabel da Grã-Bretanha ao Parlamento

LONDRES, 29.—O Lord-chancellor, lord Simmons, leu esta manhã às duas Camaras reunidas a mensagem da rainha motivada pela prorrogação do Parlamento de que a nova sessão—a terceira da legislatura actual—deve começar solenemente em 3 de Novembro.

A mensagem da rainha—redigida, como exige a praxe constitucional, pelo Gabinete—faz o resumo da actividade do Governo nos domínios interno e internacional, no ano parlamentar findo. Damos os extractos das passagens principais:

1.º—**Nações Unidas**—O meu Governo continuou a dar um apoio sincero às Nações Unidas.

2.º—**Exército na Coreia**—As minhas forças armadas desempenharam um papel importante na resistência vitoriosa contra a agressão, e o Governo prosseguiu os esforços, de colaboração com outros governos, em prol de conseguir uma solução pacífica do problema coreano.

3.º—**Quênia**—Acompanhei com simpatia e admiração os valerosos esforços dos meus leais súbditos de todas as raças, no Quênia, a fim de restabelecer a paz e a ordem naquele território.

4.º—**Guiana**—Os meus ministros lamentam que se tornasse necessário suspender a Constituição da Guiana britânica.

5.º—**N. A. T. O.**—O meu Governo contribuiu, no âmbito da N. A. T. O. para o desenvolvimento das forças combinadas do Ocidente.

6.º—**Unidade europeia**—O meu Governo apoiou e encorajou com todas as suas energias a criação da unidade e da prosperidade europeias. Propôs entrar em relações políticas e militares com a Comunidade Europeia da Defesa, e continuou a tomar uma parte importante nos trabalhos da O. E. C. E.

7.º—**Egipto**—O meu Governo estudou com o Governo egípcio os meios de apianar as divergências entre os dois países e garantir ao mesmo tempo a segurança do Médio Oriente e do canal de Suez.

Depois de lembrar a obra realizada nos domínios económico e político pelas duas conferências dos primeiros-ministros da Comunidade britânica, a rainha aponta os progressos feitos nas colónias e nos protectorados britânicos «no caminho de uma participação mais lata na administração dos seus negócios no âmbito da Comunidade».

—(France Presse).

A questão de Trieste

Popovitch não se encontrou
com Giuseppe Pella

PARIS, 29.—O ministro dos Negócios Estrangeiros da Jugoslávia, Popovitch, partiu às 11 e 5, de comboio, para Belgrado. Interrogado pelo nosso enviado acerca dos rumores de que se encontraria com o presidente do Conselho italiano, esta manhã, respondeu: «Não me encontrei com Pella e nunca se tratou de semelhante entrevista».

—(France Presse).

Carreiras aéreas suspensas

TRIESTE, 29.—O Governo italiano suspendeu todas as carreiras aéreas civis italianas para o aeroporto de Gorizia, na fronteira italo-jugoslava.

O aeroporto de Gorizia era utilizado para serviços diários de passageiros para as principais cidades da Itália e cre-se que os circuitos de aproximação efectuados por aparelhos de passageiros podem ter dado origem aos recentes protestos jugoslavos de «violação» do território jugoslavo por aviões italianos.

Julgase-se que a razão da proibição pode ter sido o desejo de evitar qualquer incidente ou a aviação italiana desejar utilizar-se mais intensivamente do aeródromo.—(Reuter).

Se passar por Salvaterra
Visite o Café Restaurante Ribatejano

AS NEGOCIAÇÕES DE PAN-MUN-JON

Dean não perde a esperança de chegar a acordo com os comunistas acerca da reunião da Conferência Política

PAN-MUN-JON, 29.—O delegado das nações aliadas junto da reunião preliminar à Conferência Política da Coreia, Arthur Dean, declarou na sessão desta manhã que rejeitava qualquer acção arbitrária e unilateral mas que estava pronto a discutir os três pontos que as duas partes tinham inscrito na sua ordem do dia, isto é, data da conferência, local e problemas de menor. E acrescentou: «Tentemos pôr-nos de acordo sobre estes três pontos. Abordaremos depois a composição da conferência».

Usando da palavra, o representante norte-coreano, Ki Sok Bok, atacou violentamente as Nações Unidas, empregando por vezes as palavras «insolência» e «vituperio» e reafirmando que os comunistas «mantêm de forma inabalável que as nações neutras interessadas devem tomar parte na Conferência Política». Em declarações separadas, os representantes sino-corea-

nos acusaram os Estados Unidos de «falta de sinceridade» nas presentes conversações e pediram a retratação da declaração feita ontem pelo delegado Arthur Dean, segundo a qual a Coreia do Norte e a China eram «agentes da U. R. S. S.», declaração que consideraram um «insulto intolerável». Ki Sok Bok afirmou depois que a delegação aliada pretendia «sabotar a reunião e tornar difícil a convocação da Conferência Política».

Continuando, o representante norte-coreano disse: «Se realmente, do vosso lado, há a intenção de romper as conversações e não se deseja a conferência, que o digam claramente, assumindo disso a responsabilidade. Se não é assim, exigimos a retratação da vossa atitude insolente, de vituperios e de difamação. O ponto que deve ser imediatamente solucionado, nas conversações actuais, é a participação das nações neutras na Conferência Política. E pergunto: Estais vós actualmente em guerra com a União Soviética? Se não estais, como podereis negar que a U. R. S. S. seja uma nação neutra?».

Concluindo, declarou que as duas partes deveriam adoptar imediatamente a ordem do dia «razoável» proposta pelos comunistas e discutir a questão da composição da conferência.

A sessão foi levantada às 13 e 25 a pedido da delegação comunista. Depois da reunião, o delegado Arthur Dean declarou aos jornalistas que não considerava a declaração norte-coreana como sendo a rejeição da proposta que fizera e indicou que continuava confiante quanto às possibilidades de se chegar a um acordo.

Afirmou, por fim, que não retiraria a sua declaração de que a «China e a Coreia do Norte eram simples agentes da U. R. S. S.» e concluiu: «Pois se é um facto, como poderei retratar-me?».

—(F. P.).

O repatriamento de prisioneiros

PAN-MUN-JON, 29.—O general indiano Thymaia, presidente da comissão neutra de repatriamento, depois duma reunião de duas horas, da comissão, declarou aos jornalistas: «Amanhã, às 11 horas, será feita uma comunicação inesperada». A comissão reúne-se amanhã às 10 horas.—(F. P.)

O Conselho da O.E.C.E.

reuniu-se hoje em Paris

PARIS, 29.—O Conselho da O. E. C. E. reuniu-se às 10 e 40, sob a presidência do chanceler do Tesouro britânico. A França resolveu elevar de 8 para 20 por cento a percentagem da libertação das suas importações provenientes dos países da O. E. C. E., segundo anunciará esta tarde o ministro das Finanças e dos Negócios Económicos da França na reunião da O. E. C. E.

Por outro lado, dizem os meios competentes, o Governo francês resolveu libertar consideráveis importações de carvão provenientes dos países que não fazem parte da Comunidade Europeia do Carvão-Aço; mas esta decisão é submetida à alta autoridade do Consórcio. Quando essa autorização for dada, a percentagem de libertação das importações francesas será elevada a 32 %.—(F. P.).

O nevoeiro prejudica

a navegação aérea na Inglaterra

LONDRES, 29.—Os aeroportos da capital britânica estão paralisados em consequência de espesso nevoeiro que caiu sobre a região de Londres e no Leste da Inglaterra. Em Heathrow e em Northolt, a visibilidade é inferior a cem metros. Ficaram adiadas todas as partidas de aviões marcadas para esta noite. Os aviões que deviam aterrar nestes aeroportos foram desviados para o de Blakbushe, a Sudoeste de Londres.—(F. P.).

As inundações alastram no Norte da Itália

ROMA, 29.—Segundo notícias chegadas esta manhã a esta cidade, a situação provocada pelas inundações, se bem que tenha melhorado em certos pontos, apresenta ainda carácter grave. No Norte da península, ao mesmo tempo que se assinala o facto da situação parecer ter melhorado na região de Milão, as inundações alastram em diversos pontos da Lombardia devido à cheia de vários rios. Em Friule, a situação pode considerar-se grave. Uma grande parte da cidade está inundada, as pontes foram levadas pela força da cheia, várias casas abateram e as comunicações pela estrada, devido a derrocadas, estão completamente interrompidas. Na região do Trentino, onde inúmeros rochedos que se desagregaram das montanhas entulham as estradas, interrompendo as comunicações, a situação é idêntica.

No vale do Pó, e nomeadamente na província de Rovigo, a cheia do Adigio, do Pó e do Tartaro ameaça toda a região, onde se tomaram já medidas de carácter urgente. Se bem que a situação não apresente o perigo imediato, todas as aldeias situadas perto do delta do Pó foram evacuadas.

No Sul, embora o bom tempo tenha voltado depois de uma semana de chuvas diluvianas, a situação, em toda a região de Reggio de Calabria, não é por enquanto tranquilizadora. As cheias dos cursos de água—há mais de mil em toda a Calabria—não mostram tendências para baixar. Em vários pontos, os prejuízos são imponentes nomeadamente em Bracaleone, que está, além disso, ameaçada por derrocadas de terra prestes a desagregar-se devido à infiltração das águas. Em Catanzaro e nas regiões vizinhas, abateram várias casas devido aos temporais de ontem.—(F. P.).

As declarações de Eisenhower

(Continuação da 1.ª página)

tário de Estado americano, John Foster Dulles, quando esteve em Londres, no princípio deste mês. Consta agora que ambos discutiram, não só as probabilidades de uma reunião informativa entre dirigentes soviéticos e ocidentais, mas também a possibilidade de sir Winston Churchill ir sozinho a Moscovo. Porém, Dulles apresentou objecções importantes a uma visita de sir Winston Churchill a Moscovo, neste momento, por poder ser interpretada como seria quebra da unidade anglo-americana.

Constou em Washington que, após as conversações entre Dulles e sir Winston Churchill, não se fará qualquer diligência para uma reunião com Malenkov antes da conferência de Lugano e de ter sido tomada uma decisão pelas legislaturas europeias sobre o tratado de Comunidade de Defesa Europeia.—(Reuter).

A U. R. S. S.

projectava invadir
a Guiana inglesa
com um exército clandestino?

LONDRES, 29.—«A U. R. S. S. teria projectado fazer invadir a Guiana britânica por uma misteriosa força armada clandestina comunista que estaria escondida nos matagais do Brasil, transformando depois a colónia numa base para estender a sua influência na América Latina»—anuncia hoje no «Daily Express» o correspondente deste jornal em Georgetown. Informações neste sentido teriam sido dadas pela Polícia do Rio de Janeiro, afirma o jornalista, que diz: «Os agentes dos serviços secretos britânicos avisaram Whitehall, o que, junto às ameaças feitas pelo dr. Jagan, levou o Governo britânico a enviar navios de guerra e tropas para a Guiana».

E o correspondente do «Daily Express» acrescenta: «O plano de Moscovo, segundo as informações colhidas pelos agentes secretos britânicos, era o seguinte: um exército clandestino comunista brasileiro entraria na colónia servindo-se de embarcações que atravessariam a fronteira pelos numerosos rios que unem os dois países; a invasão deveria começar na estação das chuvas, entre o Natal e o mês de Março, momento em que a corrente dos rios é mais rápida; o exército clandestino juntar-se-ia aos partidários do Partido Progressista Popular do dr. Jagan e transformaria a Guiana numa base para extensão da influência comunista na Bolívia, Chile e costa do Pacífico».

O jornalista inglês, a apoiar as suas afirmações, cita o facto do «leader» comunista brasileiro, Luís Carlos Prestes, se encontrar—diz—próximo da fronteira entre a Guiana e o Brasil.—(F. P.).

A Guiana britânica vai ter nova Constituição política

LONDRES, 29.—O subsecretário do Ministério das Colónias, conde Munster, declarou na Camara dos Lords que vai promulgar-se na Guiana britânica uma Constituição provisória, para vigorar até que possa tomar-se uma decisão baseada no relatório da comissão de inquérito aos acontecimentos que conduziram à suspensão da Constituição em vigor até há pouco tempo.—(F. P.).

A política espanhola

(Continuação da 1.ª página)

adeptos dum movimento político de tendência católica e monárquica, os quais, se bem que apoiando o regime de Franco, se opõem à preponderância da Falange.

A proclamação de José António Primo de Rivera ao anunciar, há vinte anos, a fundação da Falange Espanhola, voltou a ser lida esta manhã no mesmo Teatro da Comédia onde então foi proferida. Do teatro, completamente cheio, saíram os falangistas para se reunirem a 150 mil que se encontravam no Estádio de Chamartin, vindos de todos os pontos da Espanha. Chegaram em 53 comboios e 1.150 autocarros e para os atender, permaneceram abertos durante a noite passada todos os «cafés» e restaurantes da capital. A magna concentração começou às 11 horas por uma missa campal pelos mortos na guerra de Espanha e terminou com uma alocução do ministro-secretário da Falange, Fernandez Cuesta, que deu ensejo a aclamações entusiásticas.

O generalíssimo Franco assistiu à concentração, vestindo o uniforme de chefe nacional da Falange. Foi recebido com aclamações à chegada e à partida, depois de ter dirigido a palavra aos falangistas. Estes saíram cantando o hino «Cara al Sol», seguindo pela Castellana até à «calles» de Alcalá, onde está a sede da Falange.—(F. P. e Efe).

Primus Inter Pares

O melhor conselho para bons apreciadores de cigarrilhas e charutos Belgas. A venda em todas as tabacarias. Rep. Casa Caius—Rua Chã, 111 — Porto.